



A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO PARA A FAMILIA

Nº 23

15 de Dezembro de 1890

XIXº Anno

PREÇO DA ASSIGNATURA

CAPITAL, um anno 12 \$000
ESTADOS, um anno 14 \$000

EDITORES-PROPRIETARIOS:
H. LOMBAERTS & COMP.

Agencia Geral para Portugal:
LIVRARIA ERNESTO CHARDRON
Lugan & Geneloux — successores — Porto

PREÇO DA ASSIGNATURA

CAPITAL, seis mezes 7 \$000
ESTADOS, seis mezes 8 \$000

CORREIO DA MODA.

Conforme anunciamos, os tecidos de lã felpudo, genero Thibet, e os de lã aspera teem muito exito. É verdade que no meio das numerosas variedades de desenhos, encontra-se alguns muito bonitos, infelizmente não em grande quantidade.

A maior parte dos tecidos modernos conveem mais para roupões e para vestuários caseiros do que para os de passeio, como o entendemos. Os desenhos sobre panno liso aveludado não nos agradão, os xadrezes em relevo sobre fundo liso, ainda menos recommendamos pois de preferencia os tecidos lisos, os quaes sempre vestem bem. As nossas amaveis leitoras acharão n'este numero um modelo de vestido apanhado nas cadeiras. Este feito, muito elegante, será somente adoptado para os vestidos de cerimonia. Para os vestidos usuaes de todos os dias, a moda parece preferir o estylo severo do tempo de Carlos IX, as cavas muito altas, aos collarinhos altos e largos, e aos barretes do tempo dos „Valois“; algumas costureiras ajuntão na beira dos corpos e nas cavas o rolete arredondado diminuindo na frente, o qual pôde-se vêr sobre todas as gravuras d'aquelle tempo. Comtudo o conjuncto não é inteiramente verdadeiro. Ha algumas cousas que derivão do tempo da „Renaissance“ italiana e outros como dissemos, dos „Valois“. Eis a descripção de um vestuario n'este genero. Saia lisa com meia cauda, de veludo lobelia (azul vivo) pregada no corpo sob um rolete feito com o mesmo veludo, cercado com uma especie de grades de ouro e vidrilho. O corpo é de veludo com plastrão bordado a ouro e vidrilhos, o collarinho Medicis, pouco aberto, com a mesma grade de ouro e vidrilho. O corpo e a saia colchetao nas costas.

As mangas muito justas, com as cavas muito altas, são cobertas com a grade de ouro como o resto. A cava é cercada do rolete igual ao da cintura, porem muito menor. Ao lêr esta descripção pôde-se pensar que este vestuario é um pouco excentrico e proprio para a scena, ao contrario, é um traje muito elegante pois o ouro pouco sobresahe, o vidrilho domina. É um vestido muito severo e que conven para uma recepção. — Carlos IX e Luiz XV! Só a moda podia unir duas epochas tão dissimilhanes! Ao menos pode-

remos, assim, escolher. O que é facto, é que não nos contentamos com o que já temos e que procuramos guarnecer as

meros, substituem uma aba. Sobre os vestidos de baile usar-se-ha guarnições totalmente de flores, simulando uma aba comprida e tambem uma especie de avental muito curto.

Usa-se muito actualmente uma nova pelle chamada „le Thibet“ a qual é muito leve, muito brilhante e de cor preta. O preço é muito razoavel. Custa 6 a 8 milreis o metro, guarnece muito, pois o pello é comprido e muito basto. É muito empregado pelas grandes costureiras.

Tambem faz-se partes de capas e mangas bordadas sobre karacoul que é uma especie de pelle frizada e como chaimolote. Esta pelle tem n'este momento o maior exito em Paris, tanto assim que o seu preço dobrou na primeira quinzena de Outubro. Comtudo as plumas de abestruz rivalisão, como novidade, e estas são empregadas de vinte maneiras diversas: como collarinho, como ornamento de chapéo, collocadas direitas e em pennacho sobre os regalos. A proposito de regalos, diremos que este anno, elles são um pouco maiores do que no anno passado e que usa-se tambem o regalo de pelles que deve-ser adequado ao da capa, ou usa-se o de fantasia com as capas guarnecidas de bordado e plumas. Com uma capa de panno ou de seda bordada, far-se-ha o regalo de seda, coberto de filó bordado e guarnecido com fólhos bordados, laços e plumas.

Mas fallemos agora dos filós que deverão ser empregados para vestidos de theatro, jantares e saráus. Em preto o filó muito aberto continúa a ter a mesma voga do do que na estação passada, somente os motivos de ornamento são quasi todos de veludo recortado, cozidos ou collados. Um dos desenhos mais bonitos compõe-se de um semeado de lacinhos Luiz XV, mas que infelizmente vai ficar muito visto em pouco tempo, assim como as pastilhas, os crescentes, as fructas, tudo em semeado. Alguns filós são guarnecidos com largas cercaduras, e com cercaduras mais estreitas para o corpo, sempre de veludo recortado. Este genero de filó em preto é muito bonito com transparente de cor. O mesmo genero faz-se tambem com applicções de veludo de cor recortado sobre filó preto.

Para jantares faz-se muitos vestidos bordados, tom sobre tom bordados a ouro, em todo ou qualquer especie de tecido.
Paula Candida,



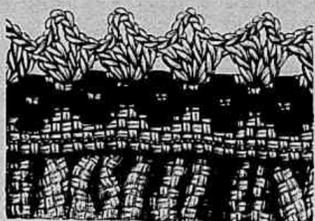
1. Vestido decotado para meninas.

2. Vestido para baile ou saráu. Frente do desenho 13. Vêde o mesmo com corpo afogado, desenho 77 e o esboço, desenho 12.

3. Vestido com canda para saráu. Frente do desenho 15. Para o esboço, vêde o desenho 14.

saias. Para este fim recorre-se ás abas e ás franjas. Estas muito compridas, como pôde-se vêr em um dos ultimos nu-

1. Vestido decotado para meninas. — Este modelo é de crepe de lã branca com cercadura bordada de côr. Corta-se o corpo e a saia de uma só vez e



4. Pala com bordado a ponto tecedura e cercadura de crochet para o vestido de creanças, desenho 29. Vêde também os desenhos 5 a 6 e 16.

acerta-se na cintura com diversas ordens de franzidos. A parte de cima deve ser pregada em uma pala pequena guarnecida com um folho bordado, um pouco sustida e com a costura assentada. A guarnição das mangas é igual a do corpo. Completa-se o vestuário com uma camisinha afogada com mangas, feita de cambraia em preguinhas muito finas.

2, 12, 13 e 77. Vestido para baile ou sarau. — Para o molde: Vêde o desenho 12. — Este bonito vestido pôde servir



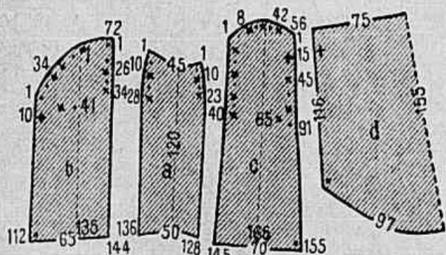
7. Quadro ornado de pregos.

para um baile, com um corpo decotado, e para um jantar, com corpo afogado. Está representado de dous modos. O modelo é de seda listrada de setim, crême e côr de salmão e de gaze côr de salmão. A saia debaixo é de sedinha leve e lisa, coberta na frente e dos lados com um panno de gaze apanhada e retida com flôres. Vêde o desenho 2. A saia de cima tem 128 cent. de comprimento e 150 cent. de largura. A barra, em baixo, é recortada e sustida pelo fôlho de gaze que cerca a saia. A cauda é de seda listrada, vêde o desenho 13, tem 155 cent. de comprimento no meio e 103 cent. dos lados. É feita com quatro pamos. Os do meio são franzidos os dos lados são arranjados em pregas lisas. Vêse, no desenho 12, a forma do apanhado de gaze, feito de um lado da cauda.

Franze-se a orela superior, um pouco chanfrada, desde a estrella até o ponto duplo e deixa-se cair o resto com a orela do lado de traz a qual será justa com algumas pregas. Para o vestido afogado os laços e o cinto devem ser de fita de veludo. O corpo decotado é de seda listrada enfeitado frente e atraz, e entrão no cos sob o cinto.

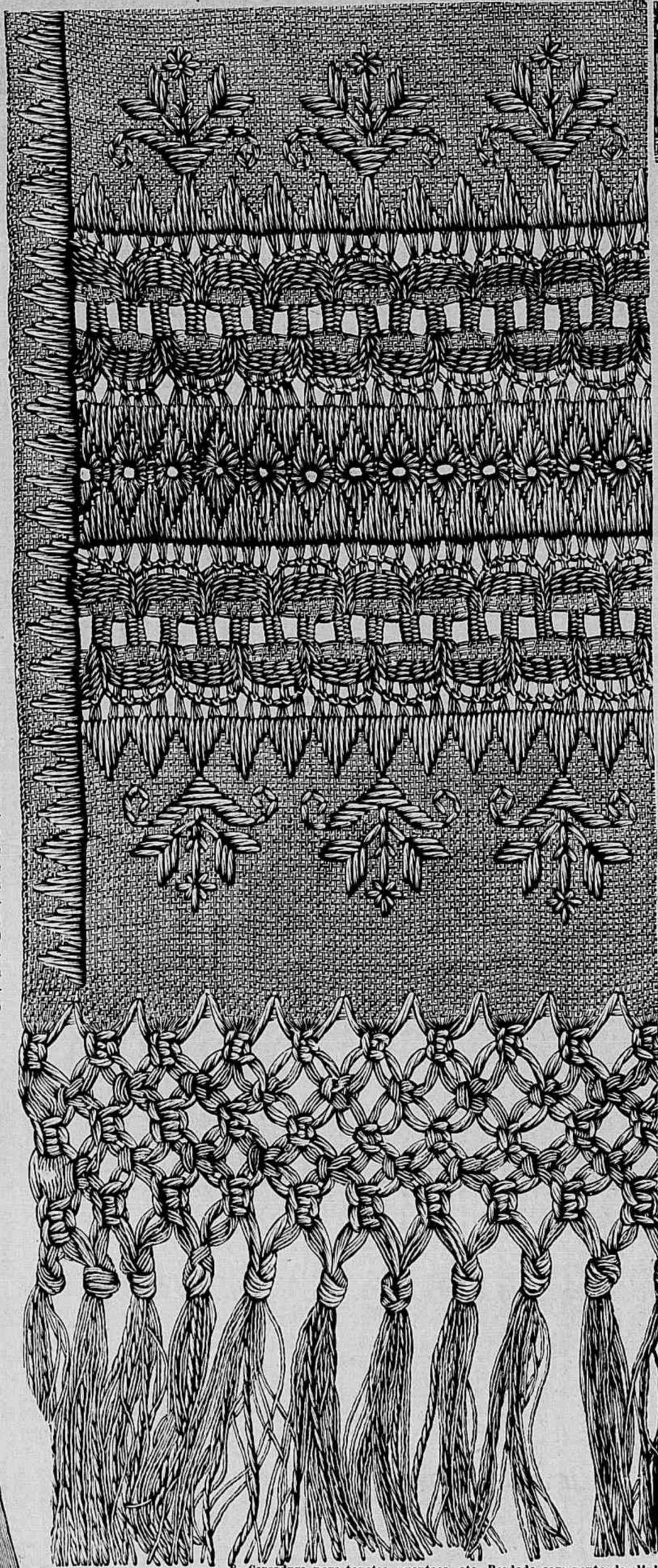


10. Vestido com apanhado nas cadeiras. Costas do desenho 41. Para o esboço, vêde o desenho 11.

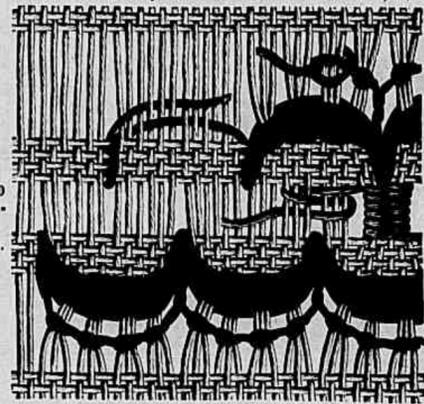


11. Esboço para o vestido, desenhos 10 e 41.

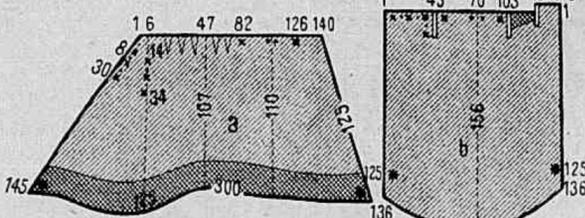
com tiras de gaze, cruzando na As mangas são feitas com tiras de gaze direitas, e justas com flôres. O corpo para sarau é aberto em bico, desenho 77, guarnecido com gaze recortada formando um concheado atraz e uns rebuços na frente. As costas são feitas de seda em pregas atravessadas. As



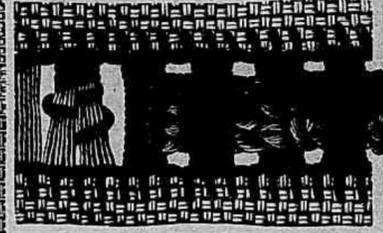
8. Cercadura para tapetes, aventaes, etc. Bordado com ponto de alinhavo e ponto aberto. Vêde a execução, desenho 9.



9. Execução do ponto aberto para a cercadura, desenho 8.



14. Esboço para o vestido, desenhos 3 e 15.



mangas, meia curtas, devem ser guarnecidas com grandes rebuços de gaze.

5. Corredilha com trancellim. Ponte aberto e crochet para o vestido de creanças, desenho 29. Vêde também os desenhos 4, 6 e 16.

3, 14 a 15. Vestido de cauda para baile. — Para o molde: Vêde o desenho 14. — Aviamentos: 15 m. de chamalote cinzento tendo 50 cent. de largura e 3 m. 50 cent. de veludo cinzento tendo 50 cent. de largura. — Entre as côres da moda a que domina é a cinzenta prateado. O nosso modelo feito com esta côr será de um gosto escolhido. O esboço, desenho 14, indica as medidas da frente da saia, e da cauda, com feito diferente.

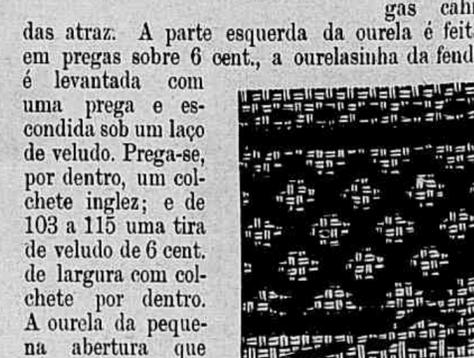


6. Quarta parte da cercadura. Bordado ponto de tecelagem para o vestido de creanças, desenho 29. Vêde também os desenhos 4, 5 e 16.

O fôrro da saia é de sedinha leve tendo 20 cent. de comprimento atraz. A orela superior da frente a é direita, a orela inferior deve ser acertada depois de fazer-se o apanhado; será, então, guarnecida com uma tira de veludo tendo 21 cent. de largura. A dobra sobre 47 dá o meio da frente. Far-se-ha duas pregas á esquerda e trez á direita sobre as cadeiras. Sobre um lado, o panno é feito, de 82 a 126, em uma prega funda e lisa, mas do outro lado é apanhado em

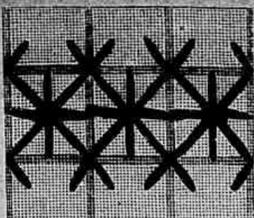
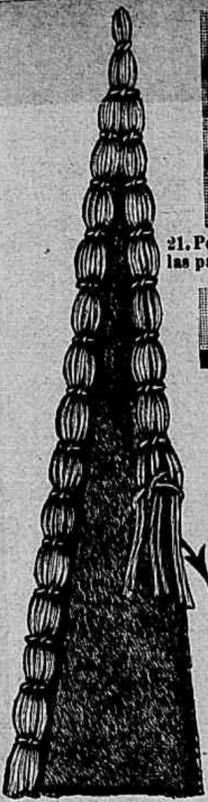
trez pregas, de 14 a 34, fixas com presilhas feitas a ponto de casa. As pregas continuam atravessadas sobre as cadeiras até a orela do lado onde deve-se prendel-as na costura, desde 8 até 30. b do esboço representa a cauda, cuja parte de cima será um pouco colcheteada sobre o corpo e um pouco pregada no cinto. Sobre 45 e 103 cortar-se-ha umas fendas de 15 cent. de comprimento e uma de 10 cent. sobre 115, sendo as suas orelas embainhadas. Fixa-se a parte do meio no cinto fazendo-se duas pregas calhadas atraz. A parte esquerda da orela é feita em pregas sobre 6 cent., a orelasinha da fenda é levantada com uma prega e escondida sob um laço de veludo. Prega-se, por dentro, um colchete inglez; e de 103 a 115 uma tira de veludo de 6 cent. de largura com colchete por dentro. A orela da pequena abertura que excede de 5 cent. deve ser fixa atravessada na cintura; o resto da orela, até 140, recache em bico sobre o lado.

13. Vestido para baile ou sarau. Costas do desenho 2. Vêde também o desenho 77 e para o moldê, desenho 12.

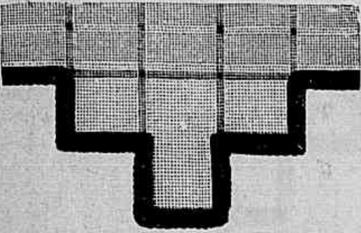


16. Cercadura. Bordado com ponto tecelagem para vestido de creanças, desenho 29. Vêde também os desenhos 4 a 6.

15. Costas do vestido, desenho 3. Vêde também o desenho 14.



21. Pontos ligeiros e pontos de estrelas para o tapete, d. 23 e d. 22, 24 a 25.



22. Recorte com festão para o tapete de mesa, desenho 23. Vêde também os desenhos 21 e 24 a 25.

este novo modelo. A moldura tem 6 cent. de largura e é coberta com pelúcia azul claro e ornada de pregos de diferentes tamanhos e diferentes formas. É fácil copiar o motivo do nosso desenho, o qual mostra claramente as formas dos pregos.

8 a 9. Cercadura para aventaes, tapetes, etc.

17. Execução da cercadura recortada para a capa de piano, des. 18.

Bordado liso e aberto. — O nosso modelo é executado sobre talagarça branca com linha branca lustrosa. Também pôde-se fazel-o com fio de algodão, torçal de seda ou fios de seda d'Argel. Estabelece-se a divisão contando os fios verticaes. Recommendamos de começar pela tira lisa do meio, a qual occupa 24 fios transversaes. O desenho indica claramente a execução dos pontos de alinhavo graduados contando os fios do fundo. O desenho 9, tamanho augmentado, indica a execução dos abertos que emoldurão a tira do centro. Para melhor comprehender-se o trabalho servimo-nos de diferentes côres. Tira-se primeiro, 4 fios transversaes e forma-se fios verticaes e presilhas de 3 fios cada uma. Deixa-se 4 fios transversaes intactos dos dous lados do aberto, tira-se depois 9 fios transversaes e borda-se os verticaes com ponto de remendo (5 carreiras) levantando 3 fios e saltando 3. Forma-se os festões fazendo passar o

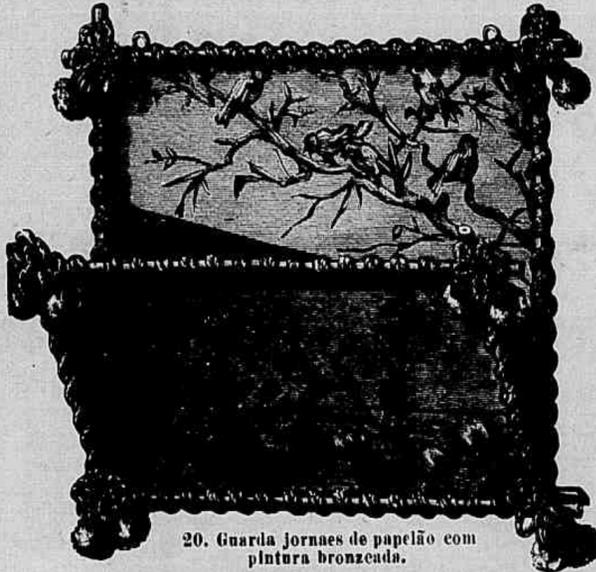
Ajunta-se a cauda com a frente até a estrellita deixando uma ponta livre. O corpo de abas é curto, as costas lisas e as frentes apanhadas. A frente esquerda é coberta com a fazenda lisa e guarnecida com um apanhado de crepe da China, cinzento. Vêde o desenho 3. A frente direita cruzando em cima é pregada lisa na costura do hombro, em quanto que a parte debaixo é cortada bastante comprida e larga para formar trez pregas, as quaes acabão na costura debaixo do braço. A ourela da frente é guarnecida com um fôlho duplo de crepe da China tendo 17 cent. de largura. Cobre-se a parte decotada com um plastrão tendo 17 cent. de comprimento. As mangas fôfas de veludo abotoão sobre 11 e são ornadas com um fôlho de crepe da China.

7. Moldura para quadros ou espelhos guarnecida de pregos. — Os amadores d'este bonito trabalho apreciarão muito

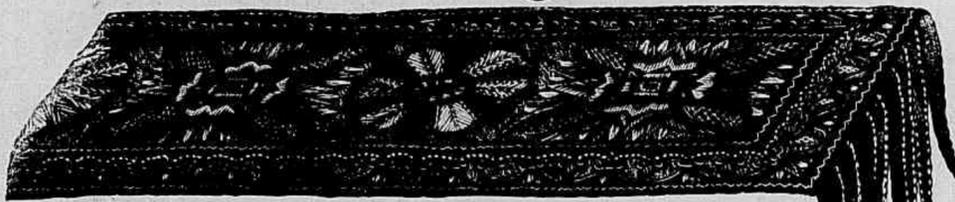
fio da talagarça através dos fios transversaes, os quaes deixou-se intactos. Os grupos de fios são apertados, com pequena distancia dos fios intactos, com pontos atirados. A grega aberta é emoldurada com dentes, ramagens feitas com ponto de alinhavo, os dentes emoldurão também a tira em quanto que a ourela transversal é guarnecida com uma franja em nós, a qual emprega 20 cent. do tecido e é formada por nós duplos e lisos. Depois dos 12 fios do fundo borda-se a talagarça com dous fios duplos de linha lustrosa.

17 a 19. Capa para piano. Bordado sueco de côr, sobre fiadura crespa. — O motivo de ornamento será dado no proximo numero. — O nosso modelo

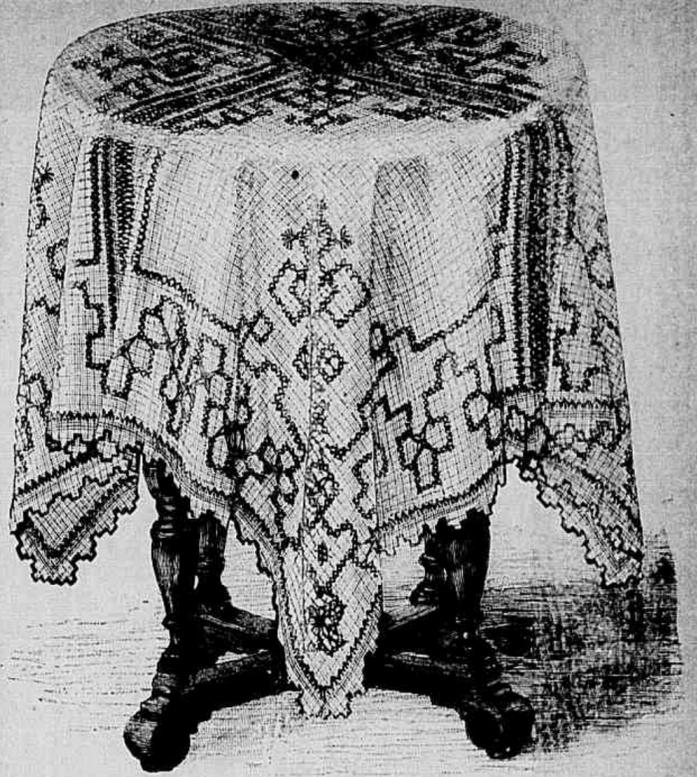
tem 45 cent. de largura sobre 1 m. 72 cent. de comprimento incluindo os dentes que tem 21 cent. de comprimento dos dous lados. É um dos trabalhos suecos cujo encanto consiste não só nas côres como na sua execução simples e facil. O fundo é de fiadura crespa azul pavão; o bordado a ponto de alinhavo é executado com lã de Hamburgo dividida (2 fios) e seda de Argel (tambem 2 fios). A parte do meio do bordado compõe-se de trez quadrados e de duas estrellas. O desenho 19 representa, em tamanho natural, mais da quarta parte do quadrado. As figuras dos angulos são formadas por quatro folhas as quaes são applicadas sobre panno verde, sobre o qual far-se-ha uma grãde com fios de seda verde, esticados. O engaste é feito com pontos de remate e pontos de haste preto. Emprega-se, para os quadrados as côres seguintes: 3 tons de encarnado (o mais claro é de seda) com contorno de ponto de haste preto, branco com contorno amarello e amarello com contorno branco, verde e preto. As estrellas que seguem os quadrados tem um diametro de 22 cent. e uma circumferencia de 70 cent. Cada estrellita é dividida por fios de seda branca remetados em 12 campos e cheios de verde e encarnado. O meio da estrellita tem 7 cent. de diametro e igualmente dividido em 12 campos (com seda preta) e cheio com dous tons de verde. O meio é formado por uma rodellinha encarnada engastada de amarello. O motivo de ornamento para a estrellita inteira virá no supplemento do proximo numero. A estrellita é emoldurada com uma orla preta feita com ponto de alinhavo e tendo 6 1/2 cent. de largura. Uma cercadura, executada do mesmo modo, termina o bordado. Já foi dada executada de outra maneira, pelo desenho 45 do numero 8 de 1889. Os dentes são revirados e guarnecidos com fio de lã, cozidos e enroscados feitas a ponto de haste, com seda. O desenho 17 dá em tamanho natural, a ponta de um dente e indica a maneira de fixar a lã com um fio de seda. Forrar-se-ha o tapete com panno on setineta.



20. Guarda jornaes de papelão com pintura bronzeada.



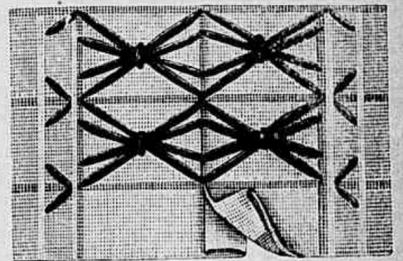
18. Capa para piano. Bordado sueco, de côr, sobre fiadura crespa. Vêde o bordado, desenho 19, e a execução da cercadura recortada, des. 17. O motivo de ornamento virá no N.º 24.



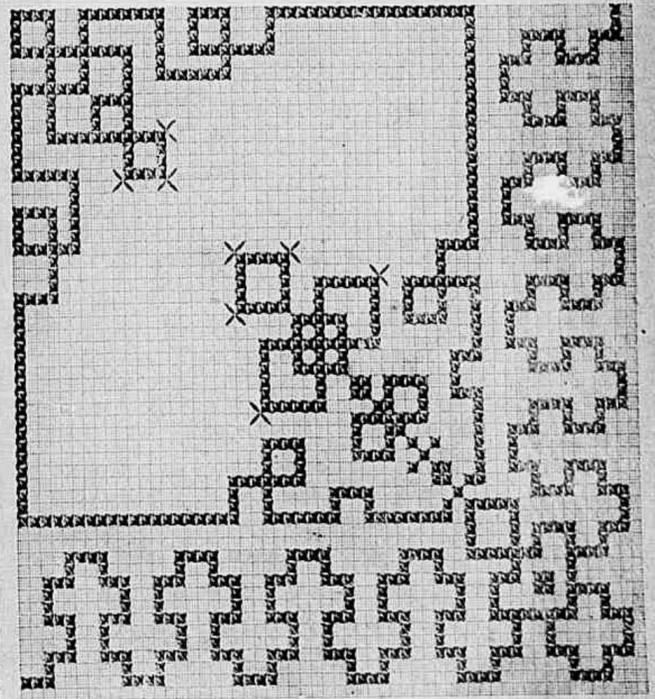
23. Tapete de mesa com bordado ligeiro. Vêde o modelo typo, desenho 25, os pontos diferentes, desenho 21, a cercadura recortada, desenho 22 e a cercadura do junção, desenho 24.



19. Bordado sueco, de côr, sobre fiadura crespa, para a capa de piano, desenho 17 e 18. O motivo de ornamento será dado no proximo numero.



24. Cercadura para junção do tapete de mesa, desenho 23. Vêde também os desenhos 21 a 22.



25. Modelo typo para o tapete de mesa, desenho 23. Vêde os des. 21, 22 e 24.



26. Vestido a princesa guarnecido com fitas para meninas de 7 a 9 annos. Frente do desenho 30.

27. Paletó com pala para meninos.

28. Vestido guarnecido com galão, para meninas.

29. Vestido decotado para meninas, com bordado de ponto de tecido. Vê-se a coradura larga, desenho 6 e a cercadura pequena, desenho 16, a corrediça, desenho 5, e a pala, des. 4.

30. Vestido á princesa guarnecido com fitas para meninas de 7 a 9 annos. Costas do desenho 26.

fixa os juncos que cruzão sobre 6 cent. nos angulos. Os dous páus inferiores são apertados com um fio forte, para juntar as costas e a frente da algibeira. O ornamento com pintura côr de bronze é de um rico effeito. Os motivos japonezas conveem sobretudo para este genero de pintura, já muito conhecido pelas nossas leitoras.

21 a 25. Tapete para mesa com bordado ligeiro. — O nosso modelo compõe-se de quatro pannos de cozinha, de linho com quadrados encarnados, tendo 73 cent. quadrados cada um. O ornamento é de grande effeito e de facil execução. Recommendamos este trabalho sobretudo as meninas pequenas que desejarem fazer um presente para o anno bom. Por falta de espaço representamos o desenho 25 em pequenos typos com ponto em cruz. Os quadrados do fundo são cheios com pontos de estrellas, pontos ligeiros feitos com fio de algodão encarnado proprio para bordar-se. Cada typo equivale a um ponto de estrella e cada ponto de estrella enche um quadrado. Executa-se esses pontos, dividindo o ponto superior em dous pontos curtos os quaes fixão os fios dos pontos inferiores no meio do quadrado. O desenho 21, em tamanho natural, representa diversos pontos d'estrella executados d'esta mesma maneira e mostra ao mesmo tempo os pontinhos de ornamento, que enmoldurão as carreiras de pontos mais compridos. O meio do motivo é occupado por estrellas e cruces em pontos ligeiros, curtos, compridos, direitos e obliquos. A figura principal do meio cuja ponta estende-se sobre o fundo, é guarnecida com pontos de folha, compridos. Estes ultimos formão tambem a orela, que separa o fundo dos pannos com cercadura tecida. Para juntal-os, dobra-se as orelas e fixa-se-as uma sobre a outra com a cercadura feita com pontos ligeiros, desenho 24. A orela do tapete é recortada e garantida com pontos, de remate, encarnados. Pode-se tambem cobri-lo com uma renda de crochet encarnada e branca.

26 e 30. Vestido á princesa guarnecido com fitas, para meninas de 7 a 9 annos.

— Representamos o vestido com o tecido e guarnições diferentes. Colcheta nas costas, sob pregas. As frentes, as costas são feitas em pregas e franzidas na cintura formando um cinto. A pala tem 8

32. Costas do vestido, desenho 30.

33. Costas do vestido, desenho 40.

cent. de largura; para o desenho 30, ella é feita com corrediça e é lisa para o desenho 26. O vestido é cortado de uma só vez, tendo a saia 42 cent. de altura, o fôrro 1 m. 65 cent. de largura. A fita que guarnece o vestido é No 12.

27. Paletó para meninos. — É de panno azul escuro e forrado de setineta. As frentes tem 56 cent. de comprimento e 49 cent. de largura em baixo, são franzidas e pregadas em uma pala tendo 7 cent. de largura. As costas sem pala são cortadas sobre 45 cent. de comprimento e completadas por um panno franzido tendo 30 cent. de comprimento e 70 cent. de largura. O cinto é sustido com alças de panno. O paletó é guarnecido com galão de lã preta e botões de ouro.

28. Vestido guarnecido com galão de lã, para creanças. — Este vestido é de lã azul marinho guarnecido com galão estreito crême. Compõe-se de uma saia tendo 30 cent. de comprimento e 180 cent. de largura, e de uma blusa, cujas frentes e costas são franzidas sobre 12 cent. descendo dos hombros e em baixo. A saia é pregada na blusa. A fechadura abotoada fica escondida sob uma tira de fazenda dupla tendo 6 cent. de largura, pospontada e guarnecida com uma ancora bordada. O collarinho marinheiro tem 14 cent. de largura, os punhos da manga, 6 cent. e o cinto 4 cent. Uma roseta de galão completa o cinto.

29, 4 a 6 e 16. Vestido decotado para creanças. — O modelo é de talagarça de Java crême, muito fina guar-

bordada com fio de algodão segundo o desenho 5, conta-se 6 fios duplos verticaes. Um cordão grosso feito de crochet, com linha azul será enfiado nas presilhas. Faz-se 6 m. soltas e presilhas arredondadas, a primeira prende na 1ª m. solta. O cordão termina com borlas.

34 a 35. Chapéo guarnecido por dentro. — É de veludo cinzento redondo e chato, o modelo é guarnecido em cima com dous rólos de veludo tendo 7 cent. de largura, cujas pontas cruzão sobre o fundo apanhado e é apertado com uma

necida de bordado com ponto de tecelagem. A saia tem 120 cent. de largura e 20 cent. de comprimento. O corpo, decotado, com abas, é justo na cintura com uma corrediça. As costas e as frentes são cortadas em um só pedaço. A frente tem 38 cent. de comprimento, as costas 40 cent. A orela da aba tem 94 cent. de contorno. A golla e os hombros são cercadas de uma pala pequena representada em parte pelo desenho 4, em tamanho natural, como o ornamento. A fechadura é abotoada no meio das costas. O ornamento é feito com ponto de tecelagem segundo uns motivos slavos, vê-se a execução, em tamanho natural, desenhos 6 e 16. Bordar-se-ha com fio de algodão, proprio para concertar meia, azul claro e amarello madeira. O desenho 6 dá a quarta parte de um grupo do motivo da cercadura larga da saia e do meio da frente do corpo. As mangas são guarnecidas da mesma maneira, tendo a metade da largura. O galão, desenho 16, debrria a aba em quanto que a pala é guarnecida com o galão, desenho 4 e com uma rendinha. O desenho 5 representa, em tamanho natural, a corrediça estabelecida 7 cent. acima da orela da aba. Tira-se, para este fim, 12 fios transversaes da talagarça remata-se os fios da beira com 3 pontos atirados por cima de 3 fios. Para cada presilha, conta-se 6 fios duplos verticaes. Um cordão grosso feito de crochet, com linha azul será enfiado nas presilhas. Faz-se 6 m. soltas e presilhas arredondadas, a primeira prende na 1ª m. solta. O cordão termina com borlas.



31. Frente do vestido, desenho 42.



34 a 35. Chapéo guarnecido por dentro.

36. Chapéo redondo guarnecido com flores.

37. Chapéo com aba estreita levantada.

fivela de metal. A parte debaixo é ornada com plumas d'abestruz cinzentas, collocados sobre um rôlo de veludo de 2 cent. e seguindo exactamente a forma da aba e excedendo-a um pouco. As bridas são de fita de setim de côr adequada.

36. Chapéo redondo guarnecido com fiores. — A parte de cima é guarnecida com veludo heliotropio tendo 24 cent. de largura, feito em pregas e em fôfos. A aba de feltro preto tem 14 cent. na frente e 8 cent. atrás. A frente e atrás são guarnecidas com ramos de azaléas matizadas.

37. Chapéo com aba estreita levantada. — Este modelo gracioso é levantado todo à roda. É de veludo preto, a aba tem 6 cent. e a côpa sobre 7 cent. é de veludo salmão,

de passamanaria. As mangas são largas com punho de 16 cent. O collarinho deitado tem 4 cent. O modelo é de lã guarnecido com galão preto.

39 e 32. Vestido com corpo collete. — A saia de cima é de panno cinzento; tem 102 cent. de comprimento na frente, 118 cent. atrás e 2 m. 75 cent. de largura. É guarnecido em baixo com um galão preto de passamanaria tendo 8 cent. de largura, emoldurado de tiras de veludo tendo 5 cent. A saia de cima não é pregada com o fôrro; é feita, separadamente em pregas, e pregada em um pequeno côs feito com a fazenda e colchetando sobre o corpo e fechado atrás sob um laço. A parte superior do corpo é coberta de

pequena cauda. As frentes do corpo, com rebuços, abrem-se sobre um plastrão pequeno, pregado sobre o fôrro e colchetado do lado. O fôrro abotôa na frente, porém as partes feitas com a fazenda de cima cruzão e colchetão a esquerda. O collarinho é forrado de veludo, o cinto é largo e as mangas, são de lã e veludo.

41, 10 a 11. Vestido para saráu. — Para o molde: Vêde o desenho 11. — Aviamentos: 14 m. de seda azul, tendo 55 cent. de largura. — Este modelo é facil para executar-se segundo o esboço. O apanhado e a cauda são fixas no corpo, porém a frente da saia entra sob o bico. Por conseguinte, só prega-se a frente *a* no côs do fôrro da saia. O



38. Vestido blusa para meninas. Costas do desenho 48.

39. Vestido com corpo colletinho. Frente do desenho 32.

40. Vestido com cinto largo. Frente do desenho 33.

41. Vestido apanhado nas cadeiras. Frente do desenho 10. Para o esboço, vêde o desenho 11.

42. Vestido com corpo jaqueta de abas. Costas do desenho 31.

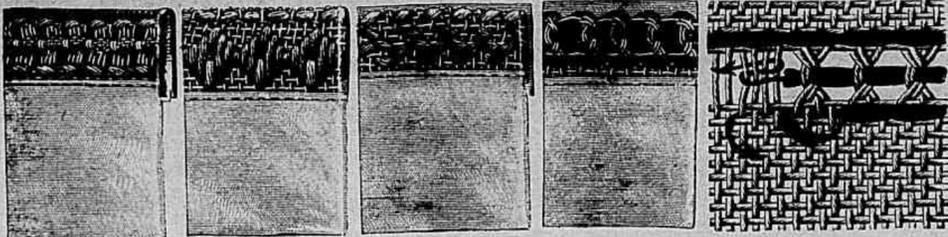
apanhado. Um laço de veludo fixa umas plumas pretas, atrás.

38 e 48. Vestido blusa para meninas de 12 a 14 annos. — O fôrro da saia é de setineta cinzenta. Tem 54 cent. de comprimento e 1 m. 67 cent. de roda; e é coberto com a fazenda de cima sobre 12 cent. A saia de cima tem 2 m. 74 cent. de roda; é franzida em cima e pregada em um côs o qual reúne a saia e o corpo debaixo, feito com a setineta cinzenta, sem mangas e abotoado nas costas. A blusa forrada com um tecido leve compõe-se de frentes e costas. Enfia-se um elastico na orela inferior e abotôa-se sobre o corpo debaixo. As frentes da blusa fechão com botõesinhos

veludo e o resto, de panno com feitto de collete, é pregado sob um galão no fôrro; cruza sobre a fechadura do fôrro colchetado na frente, e vem colchetar sob o braço esquerdo. Um largo collarinho Medicis de veludo com rebuços de passamanaria em angulos completa o nosso modelo. Uns rebuços de passamanaria também enfeitão as mangas, que são de veludo.

40 e 33. Vestido com cinto largo. — O modelo é de lã verde com barra, cinto e a parte estreita das mangas de veludo com xadrezes encarnados e castanhos. O fôrro da saia é redondo e a parte de cima, muito justa na frente e dos lados, é feita em pregas muito juntas atrás, cahe formando

resto é pregado aparte e tem colchetes. Antes de fazer-se os apanhados ajunta-se os 3 pannos *a*, *b* e *c* debaixo até o principio das pregas, e dispõe-se nos dous lados do panno *a* a 10 cent. de altura, trez pregas finas seguindo as linhas e os numeros. As orelas dos lados da frente dos pannos *b* e *c* correspondem com as pregas da frente. A orela do panno *b* excedendo de 1 a 26 forma a orela superior do panno do lado, enquanto que a orela superior d'este ultimo feita em uma prega sobre 16, dá a parte superior da orela do lado de traz. A orela superior arredondada do panno do lado *c* fica lisa desde 1 até 8 e de 42 a 56. A largura que fica será reduzida com trez pregas. A orela do lado d'este panno



43. Guarnição com pospontos para golla. 44. Guarnição com ponto de allhavo, para golla. 45. Guarnição com ponto de espinha para golla. 46. Guarnição com pontos abertos para golla, desenho 47. 47. Execução do aberto para a guarnição da golla, desenho 46.

é apanhada desde 45 até 91, com duas pregas fundas. Os apanhados sobre as cadeiras são feitas nos dous lados dos pannos b e c com uma prega (segundo os numeros) e rematadas solidamente sobre a saia. Deve-se ter o cuidado de acertar bem a parte inferior do apanhado com a do fôrro da saia. Forra-se a cauda com cassa e a barra com fôlhos de seda recortados, ajunta-se-a com os pannos do lado desde as cruces até os pontos. d dá a metade. Deixa-se de cada lado uma fenda de 12 cent. A parte de cima é franzida sobre 10 cent., pregada em um punho tendo por dentro 3 colchetes. A barra da saia é guarnecida com plumas de cor adequada a do vestido, da altura de 10 cent. O corpo pouco decotado é muito bonito. É guarnecido com um collete bordado com contas azues e brancas tendo 28 cent. de altura na frente e 18 cent. dos lados. A fazenda de cima das frentes é franzida no pescoço e apanhada sob o peito. Talha-se as costas de um só peça tendo mais 15 cent. de largura do que o fôrro; franze-se na golla e na cintura. Reduz-se a manga, a qual tem mais 20 cent. de altura do que o fôrro, com trez pregas transversaes e recorta-se as em baixo na altura de 5 cent. Enfeita-se as por dentro com folhinhos de crepe cor de rosa. O laço formando peitilho tambem é de crepe da mesma cor.

42 e 31. Vestido com corpo jaqueta e abas.

— Acerta-se a frente da saia, faz-se em pregas bem juntas os pannos de traz no meio formando leque e para obter este effeito deve-se cortar os pannos do lado mais compridos do que os outros. Enfeita-se a barra da saia com uma tira de veludo tendo 8 cent. O corpo é cortado com abinhas largas entre as quaes vê-se as pregas de traz da saia. As frentes em bico abrem sobre um collete igual á saia, e retido com um cinto em pregas. Guarnecer-se-ha as mangas com bordado de trancelim ou de passamanaria. Para esta vede o desenho 27 do No 22.



48. Vestido blusa, guarnecido com galão para meninas. Frente do desenho 38.



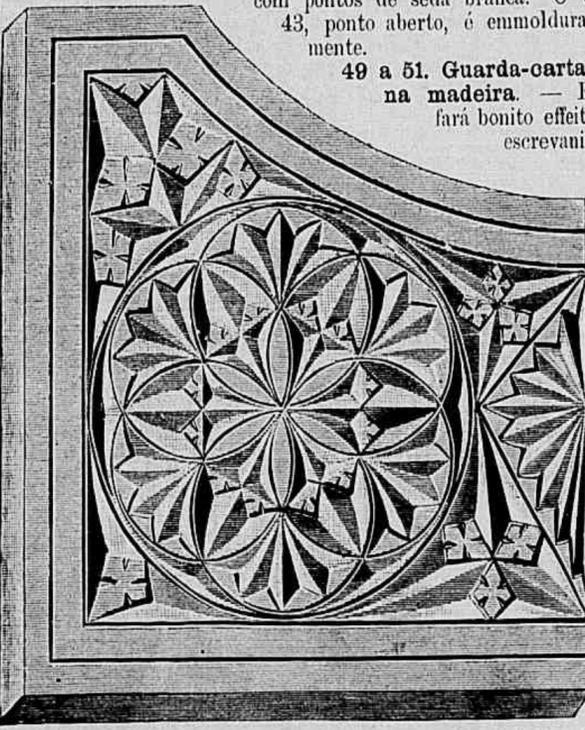
40. Guarda-cartas. Entalhe na madeira. Vêde a estrella do meio, desenho 50, e a metade da frente, desenho 51.



50. Estrella do meio. Entalhe na madeira para o guarda-papel, desenho 49. Vêdo tambem o desenho 51.

49 a 51. Guarda-cartas. Entalhe na madeira.

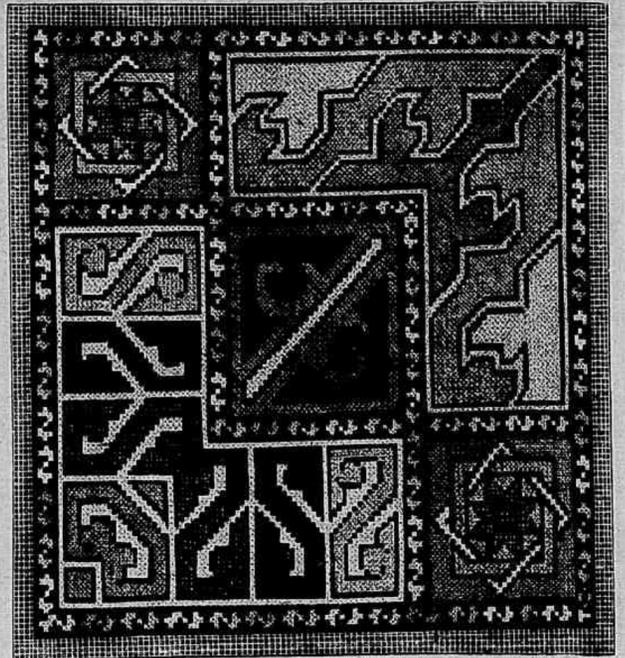
— Este objecto fará bonito effeito sobre uma escrevaninha. É de madeira. A superficie interna tem 16 cent. de largura e 22 cent. de altura. O desenho 50 representa, em tamanho natural, a aguia do ornamento do centro. As figurinhas dos lados e a estrella para a ponta, são dadas pelo desenho 51, o qual representa a metade da superficie interna do lado da frente. A do meio, mais alta, é guarnecido com uma cercadura pequena, a qual repete-se nas superficies interna dos lados. Os quatro pés tem 3 cent. de quadrados cada um. Depois de acabar-se este trabalho deve-se en-



51. Metade da frente. Entalhe na madeira para o guarda-papel, desenho 49. Vêdo tambem o desenho 50.

as côres, vêde as indicações dadas.

54 a 56, 69 a 70. Romeira com hombros altos. Crochet. — Para o molde: Vêde o desenho 56. — Aviamentos 300 gr. de lâ mécha. — O desenho 56 dá o esboço para a romeira, a qual executar-se-ha mais facilmente sobre um molde, do que contando as malhas. É feita em diversas partes, cada uma começa pela ourela inferior sobre uma cadeia de m. soltas. O desenho 69 indica o ponto que emprega-se para executar o nosso modelo. Trabalha-se em carreiras indo e vindo. Para a 1ª carreira, faz-se: 2 m. soltas, prende-se nas 2 m. soltas seguintes, passa-se a lâ através estas duas m. e a argola que acha-se no crochet e toma-se todas — repete-se continuamente. Nas seguintes carreiras, prende-se na argola superior da m. solta de deante e depois na m. de remate feita na 1ª carreira ao tomar as 2 m. passadas e a argola. Deve-se observar que o principio de cada carreira, depois das duas primeiras m. soltas, só deve-se prender em uma m. solta da carreira precedente para tomal-a com a argola que acha-se sobre o crochet. Para augmentar deve-se fazer no fim da carreira, depois de tomar-se a argola, mais 2 m. soltas e 1 m. de remate na ultima m. solta. Para diminuir deve-se saltar as duas ultimas argolas. As augmentações devem ser executadas gradualmente. As listras correspondentes indicão as junções das partes. O collarinho alto compõe-se de quatro carreiras graduadas nas pontas. Antes de fazer-se a 1ª carreira (alternando 1 m. de remate e 2 m. soltas) sustem-se a ourela superior da romeira com uma carreira de m. cadeias executadas do avesso. Em volta da romeira deve-se, igualmente, fazer uma carreira de m. cadeias e ainda uma outra na ourela direita da frente. N'esta ultima far-se-ha cinco vezes 3 m. soltas em lugar de m. cadeias, para formar as casas correspondentes aos botões que pregar-se-ha na frente direita. A ourela inferior da romeira, as dos lados das frentes e das mangas são guarnecidas com uma dupla carreira de festões e argolas representadas pelo desenho 70, na metade do seu tamanho. Cada argola compõe-se de 12 m. soltas, interrompidas no meio por um grupo. Para executar este grupo levanta-se da 6ª m. solta, 3 argolas compridas (com uma lançada de cada vez) toma-se todas as argolas e lançadas com uma outra lançada. A carreira dupla de festões é executada ao mesmo tempo com dous fios, trabalhando alternadamente um festão com um e um com outro; — o fio em descanso para sempre deante da m. de remate do fio com o qual trabalha-se. Finalmente as ourelas das frentes e o collarinho terminão com festões e pontinhas compostos de 1 m. cadeia, 3 m. soltas e 1 m. de remate na 1ª m. solta.



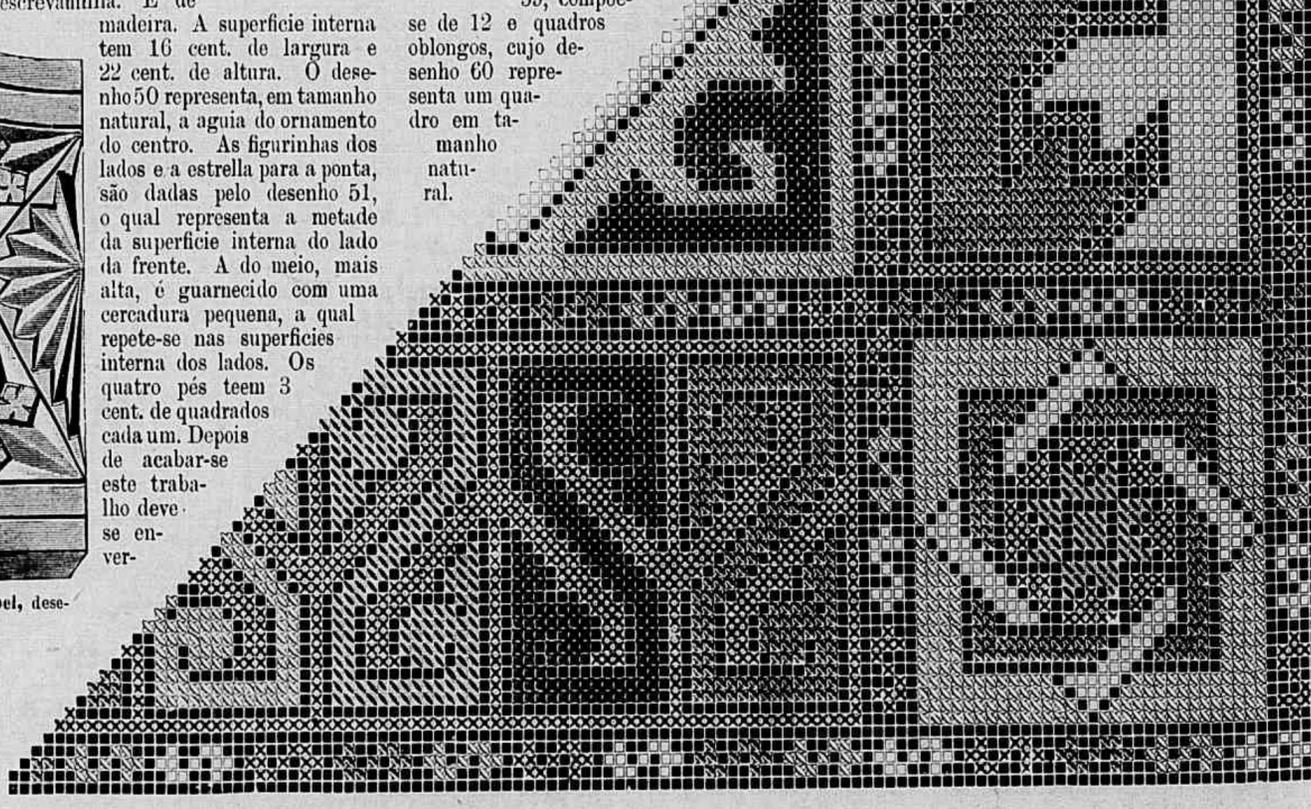
52 Modelo para almofada. Ponto de marca. Vêde o modelo, desenho 53.

57 a 58. Fivelas de fantasia. — As novidades neste genero são quasi sempre ornadas de pedras de cor, sobretudo de turquezas. O modelo 58 é de prata velha. Na fivela passar-se-ha uma fita ou mais de uma fita estreita. A fivela 57 é muito original. Tambem servirã para ornamento de chapéo.

59 a 60. Collar. Filigrana de prata.

— A execução d'este trabalho é muito divertida e foi ensinada no numero 3 (desenho 59 a 64). O nosso modelo de hoje, desenho 59, compõe-

se de 12 e quadros oblongos, cujo desenho 60 representa um quadro em tamanho natural.



53. Modelo tipo para o modelo da almofada, desenho 52. ■■ preto, ■ bronzeado, ■ azeitona, ■■ encarnado claro, ■■ encarnado escuro, ■ azul, □ cor de barro.

nizal-o cor de castanho. 52 a 53. Modelo para a almofada. Ponto em cruz. — O desenho 53 dá o modelo typo para a metade da almofada. Pôde-se completal-o facilmente com o auxilio do esboço, e repetindo as figuras do motivo em sentido inverso. O nosso modelo é feito com lâ de Hamburgo sobre talagarça de grossura média, tendo 46 cent. quadrados. Para

Os aviamentos e utensilios são: fios de prata torcido (3 grossuras) contas de prata, uma pinça e uma agulha de fazer meia de grossura media. Em primeiro lugar forma-se o quadro de cada figura, segundo o desenho 60, com fio mais grosso; as argolas que o cercão interiormente são feitas com fios mais fino. Enrola-se este, muito apertado, na agulha, retira-se a agulha e estica-se a linha espiral para fixar os torsões, que devem ser bem apertados no quadro com o fio mais fino. Vêde os desenhos 60 e 63 do numero acima indicado). Cada fôlha estando feita

de ouro farão bonito effeito em uma capôta de crêpe azul.
63 a 65. Joias de fantasia. — O collar, desenho 63 é muito proprio para uma mocinha de 15 a 16 annos. E uma corrente de ouro fino e duplo na frente, guarnecido de rosetas de perolas e turquezas. O alfinete, desenho 64, representa



55. Costas da romeira, desenho 54. Vêde tambem os desenhos 56, 69 a 70.

56. Esboço para a romeira, desenhos 54 a 55.

54. Romeira com hombros altos. Crochet. Frente do desenho 55, o crochet, desenho 69 e a cercadura, desenho 70. Para o molde: Vêde o desenho 56.

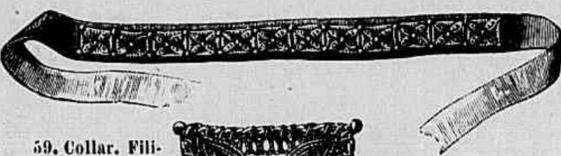
ras são unidas, em baixo e em cima com uma conta

Depois de acabar-se os 12 quadros de filigrana, deve-se pregal-os em uma fita de veludo ou de setim.

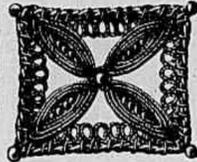


57 a 58. Fivelas de fantasia.

61 a 62. Guarnição de flôres para vestidos e chapéos. — Este



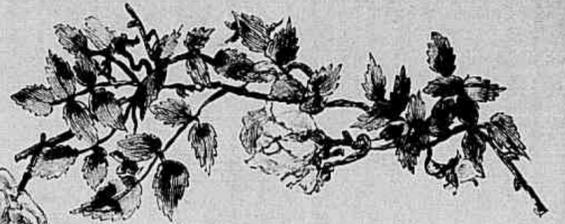
59. Collar. Filigrana sobre fio de prata. Vêde o quadrado separado, desenho 60.



60. Quadrado. Filigrana sobre fio de prata para o collar, desenho 59.

as rosas estão muito á moda para enfeitar os vestidos de baile, vêde o desenho 2. A grinalda de rosas Marechal-Niel, com a sua folhagem clara e as suas hastes escuras é muito natural. Sobre os chapéos prega-se muitas flôres de seda e de veludo. Deve-se escolher flôres muito grandes, taes como azaléas, clematites, dahlias, rosas. Os cardos de prata, desenho 62 os de seda branca com calice e pennacho

de dar mais cada carreira. O desenho 67 mostra estas argolas reunidas duas a duas e cobertas com m. de remate e m. soltas afim de dar mais



61. Grinalda de rosas para guarnecer vestidos de baile.

62. Ornamento de prata para chapéo.

cinco amôres perfeitos de tamanho graduado, com perola no meio para formar o calice. Os grampos, desenho 65, são reunidos por uma corrente de ouro com perolas de distancia em distancia.

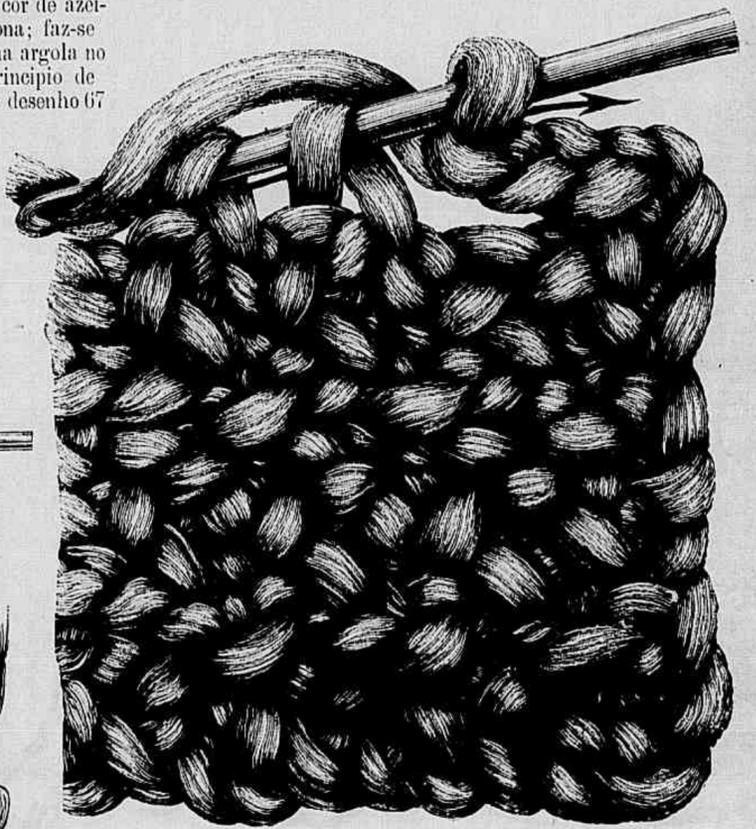
66 a 68. Cercadura feita com ponto de meia e fio passado formando motivo. — Nada é mais simples do que este genero de trabalho que consiste em enfiar nos pontos de meia fios de côr. Pôde se empregar seda, frôco, lã, ou linha. Para fazer sobresahir o motivo, deve-se tomar o fio mais grosso ou duplo. O fio para o motivo é rematado



63. Collar de turquezas. — 64. Alfinete de peito. — 65. Alfinetes luxuosos com corrente.

sempre no avêso, deve-se passal-o para o direito com o 3º dedo e o pollegar. Para os motivos feitos em tiras, com carreiras indo e vindo, recommendamos de trabalhar a carreira da volta, com a mão esquerda, sem virar o trabalho, afim de ter sempre deante de si a formação do motivo. Com quanto os nossos desenhos indiquem claramente a execução do nosso modelo, pois o desenho 66 representa o avêso do trabalho, em tamanho reduzido, damos á mais um modelo typo, desenho 68. As malhas visiveis do avêso e direito são marcadas por typos cheios, de lã Smyrna côr de azeitona; faz-se uma argola no principio de

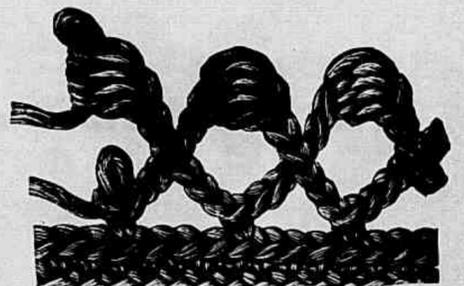
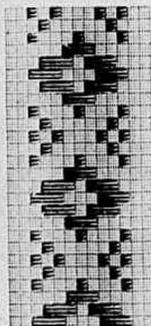
em quanto que o motivo é marcado por typos „gobelins“. Faz-se 15 m. e trabalha-se com agulhas grossas. O fundo é de lã do Oriente encarnada, o fio que introduz-se



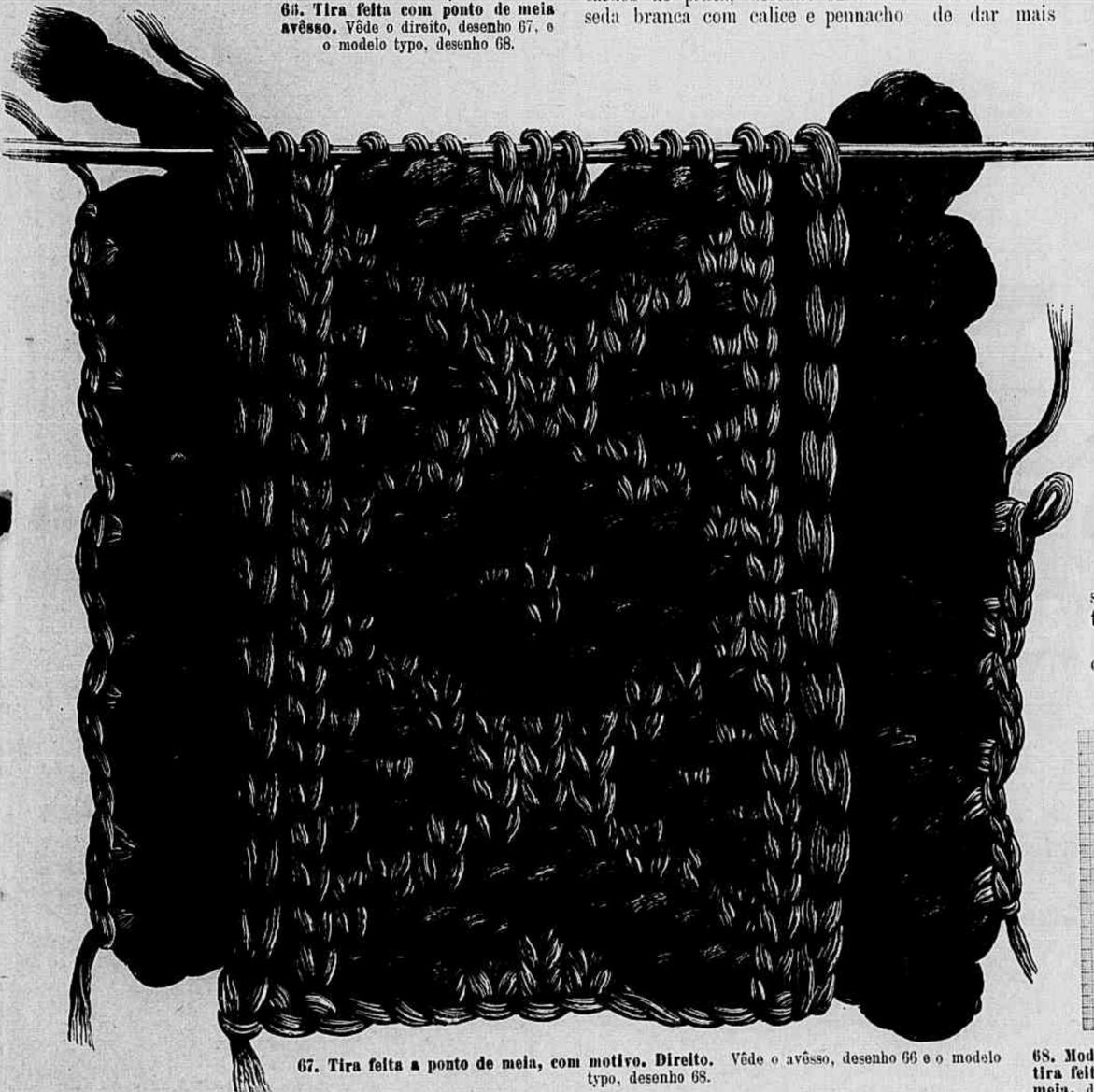
69. Motivo do crochet para a romeira, desenhos 54 a 55. Vêde o desenho 70.

solidez á orela. Poder-se-ha tão enajuntar a estas tiras outras de crochet, tecidas no tear ou a mão, ou de tecido fantasia.

71. Peitilho guarnecido com folhos. — Deve-se usar este peitilho com os paletós e as jaquetas abertas. As costas são de setim amarello e justas na cintura com uma corrediça. As frentes são de surah preto, cahem em fôfos tendo 9 cent. desde a cintura. E franziado nos hombros sobre 7 cent. e forma-se 12 pregas cozidas de 18 cent. de comprimento, que vão descendo. Os botões fleão escondidos sob um



70. Cercadura de crochet (metade do tamanho) para a romeira, desenhos 54 a 55. Vêde o desenho 69.



67. Tira feita a ponto de meia, com motivo. Direito. Vêde o avêso, desenho 66 e o modelo typo, desenho 68.

68. Modelo typo para a tira feita com ponto de meia, desenhos 66 a 67.

concheado de preguinhas tendo 11 cent. de largura, debruado com uma fitinha branca franzida muito junta, no meio. Uns pontos invisíveis fixão as pregas de distancia em distancia para formar um concheado.

72. Golla guarnecida com laços. — O nosso modelo é de filó com pingos pretos, duplo e franzido muito junto sobre uma fita. Estes enfeites vão muito em certas physionomias fazendo as sobresahir a bonita tez.

73 a 74. Capa grande, com mangas diferentes. — Para o molde: Vêde o desenho 1 do numero 22. — A grande sobrecasaca justa na frente é o que ha de mais elegante para as pessoas bem feitas. A amplidão das costas é reduzida com pregas por dentro, como de costume. O modelo e de tecido Thibet. E forrada de sedinha leve. As mangas muito altas são dobradas no punho formando rebuço conforme o molde desenho 55 do numero 22. As mangas, o collarinho e a tira que guarnecem a frente e cruza por cima, são de veludo côr de lontra. Esta tira tem cerca de 30 cent. de largura.

75. Vestido de baile. — As frentes e os pannos do lado são de seda com cordão, cobertos de gaze de seda bordada e de côr adequada, cahindo lisa em cima sobre 28 cent. formando uma cabeça de franzido de 2 m. de roda. Enfia-se na bainha uma fita N.º 12. A cauda tem 2 m. de largura sobre 1 m. 50 cent. de comprimento no meio. E feita em pregas muito juntas em cima. O corpo entra na saia, é apanhado com gaze franzida na frente e atraz formando cabecinha de 4 cent. em volta do decotado. Manguinhas fôfas de gaze apertadas com laços e laço como ornamento, completão este lindo modelo. O penteado deve ser enfeitado com uma corôa de floresinhas amarellas.

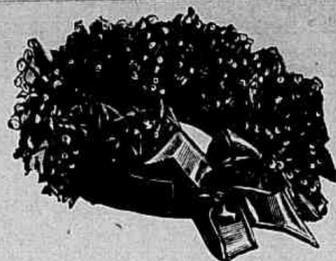


71. Peitilho guarnecido de folhinhas em pregas.

lado são de seda com cordão, cobertos de gaze de seda bordada e de côr adequada, cahindo lisa em cima sobre 28 cent. formando uma cabeça de franzido de 2 m. de roda. Enfia-se na bainha uma fita N.º 12. A cauda tem 2 m. de largura sobre 1 m. 50 cent. de comprimento no meio. E feita em pregas muito juntas em cima. O corpo entra na saia, é apanhado com gaze franzida na frente e atraz formando cabecinha de 4 cent. em volta do decotado. Manguinhas fôfas de gaze apertadas com laços e laço como ornamento, completão este lindo modelo. O penteado deve ser enfeitado com uma corôa de floresinhas amarellas.



73. Capa grande, com mangas diferentes. Frente do desenho 74. Para o molde: Vêde o desenho 1 do numero 22 do 1890.



72. Concheado guarnecido com laços, para golla.

no meio. As partes formando jaqueta, são cobertas de bordado sobre filó, e muito elegantes. O collarinho deitado e as mangas são guarnecidas com o mesmo bordado.

78. Penteado com tranças. — E um penteado muito jovem. Pode-se completal-o com cabellos postiços, e facil para executal-o. Separa-se os cabellos em atravessado. A parte de traz dá a trança, os cabellos de deante, frisados ligeiramente, são levantados, fixos e arranjados, muito fôfos sobre o alto da cabeça. Vêde o desenho 76.

79 a 80. Grande collarinho. — Para o molde: Vêde o desenho 21 do numero 21 de 1890. — O mesmo molde poderá servir para a fôrma em arame do collarinho de renda dupla, tendo o cuidado de supprimir o 3.º arame, para que as rendas franzidas, de 120 cent. de com-



74. Costas da capa, desenho 73.

primento, formem uma cabeça de 3 1/2 cent. de altura. A parte de baixo é pregada em um punho de 2 1/2 cent. de largura, no qual cozer-se-ha uma renda de 13 cent. em cima e uma de 17 cent. em baixo. A primeira terá 1 m. 30 cent. e a segunda 2 m. 10 cent. de comprimento. No meio atraz far-se-ha a renda de cima em pregas, na frente as ourelas das duas rendas são reunidas e feitas em pregas sob laços de fita de setim branco N.º 9.

Explicação do figurino colorido N.º 858.

Penteado. O cabelo forma duas tranças fixas atraz da cabeça com grampos luxuosos.

Capôta de veludo em pregas, ornada com um diadema de plumas.

Chapéu redondo de veludo, com côpa molle e apanhada, guarnecido com fita de veludo, fivela de vidrilho e plumas.

Capôta coberta com tiras de veludo estreitas e envezadas, guarnecida de veludo mais escuro e plumas.

Chapéu toucado de veludo em pregas guarnecido com duas plumas de comprimento diferente.

Chapéu redondo de veludo. A aba coberta de renda é fixa com colchetes de vidrilho. Guarnição de plumas.

Explicação do figurino colorido N.º 860.

Vestido para baile com facha comprida. O fôrro da saia é de seda de côr. A saia de cima é de renda e guarnecida com fita estreita. O corpo é decotado. A facha comprida forma cinto com pontas cahidas atraz.

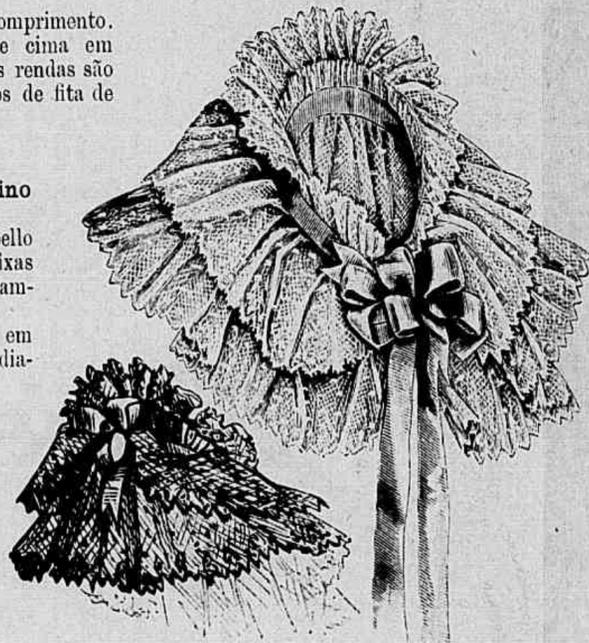
Vestido de foulard, para saráu. A saia é direita, o corpo, apanhado na frente e atraz. Bordado é pregado liso. Os laços com as pontas cahidas atraz.

Vestido para saráu. A frente e os pannos do lado da saia e o corpo são guarnecidos de bordado. O corpo blusa fecha nas costas. O cinto é estreito com laço.

76. Corpo com frentes bordadas. — E de surah crême. Pôde ser usado com todas as saias. Deve-se deixar nas frentes 14 cent. de largura a mais para formar preguinhas que serão cozidas sobre 12 cent. em cima. Em baixo a fazenda fica solta e é preza na cintura com uma prega lisa e dobrada em fôfo. Pregar-se-ha na ourela da frente direita dous folhinhos que devem dissimular os colchetes da fechadura. As costas formão duas pregas chatas tendo 3 cent. de largura,



75. Vestido para baile com corpo blusa.



79 a 80. Collarinho grande. Para o molde: Vêde o desenho 21 do numero de 1890.



76. Corpo com frentes bordadas. — 77. Vestido para baile ou saráu. Frente do desenho 13 e o desenho 2. — 78. Penteado com tranças. Frente do desenho 76.



Pl. 858.

1890, Nr. 23

A ESTAÇÃO

Jornal illustrado para a familia

Edição para os Estados Unidos do Brazil

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 15, Paris
Espartilhos Léoty, 8 Place de la Madeleine, Paris
Belleza do Rosto, Leite Antepelico contra as sardas, etc. Candès, 26 Boul. St. Denis, Paris



Pl. 860.

1890, Nr. 23

A ESTAÇÃO

Jornal ilustrado para a familia

Edição para os Estados Unidos do Brazil

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 15, Paris
Espartilhos Léoty, 8 Place de la Madeleine, Paris
Belleza do Rosto, Leite Antephelico contra as sardas, etc. Candès, 26 Boul. St. Denis, Paris

LITTERATURA

QUINCAS BORBA

CLXI

(Continuação)

Naturalmente, não reflectia essas cousas, — sentia as apenas, — e taes estados de consciencia, vagos e obscuros, não deixavam memoria integral, nem clara. Assim, quando ella tornava á realidade local e presente, mal podia restaurar as sensações anteriores; ficava-lhe, porém, o bastante para reconhecer-as e tentar fugir-lhes. Baldado esforço; não tardava a escorregar de um estado em outro, como os olhos somnolentos se fecham de cada vez que espertam, e tornam a espertar para se fecharem outra vez. Afinal, Sophia deixou a vista da chuva e do nevoeiro; estava cansada, e para repousar, foi abrir as folhas do ultimo numero da *Revista dos Dous Mundos*. Um dia, no melhor dos trabalhos da commissão das Alagôas, perguntára-lhe uma das elegantes do tempo, casada com um senador:

— Está lendo o romance de Fenillet, na *Revista dos Dous Mundos*?

— Estou, acudiu Sophia; é muito interessante. Não estava lendo, nem conhecia a *Revista*; mas, no dia seguinte, pediu ao marido que a assignasse; leu o romance, leu os que sahiram depois, e fallava de todos os que lêra ou ia lendo. Abertas as folhas d'aquelle numero, e acabada uma novella, Sophia recolheu-se ao quarto e atirou-se á cama. Passára mal a noite, não lhe custou pegar no somno, — profundo, largo e sem sonhos, — excepto para o fim, em que teve um pesadelo. Estava deante da mesma parede de cerração daquelle dia, mas no mar, á prôa de uma lancha, deitada de bruços, escrevendo com o dedo na agua um nome — *Carlos Maria*. E as letras ficavam gravadas, e para maior nitidez, tinham os sulcos de espuma. Até aqui nada havia que espantasse, a não ser o mysterio; mas é sabido que os mysterios dos sonhos parecem factos naturaes. Eis que a parede da cerração se rasga, e nada menos que o proprio dono do nome apparece aos olhos de Sophia. Caminha para ella, entra na lancha, toma-a nos braços e diz-lhe muitas palavras de ternura, analogas ás que ella, pouco tempo antes, ouvira ao Rubião. E não a affligiram, como as d'este; ao contrario, escutou-as com ternura, meia cahida para trás, como se desmaiasse. Já não era lancha, mas carruagem, onde ella se ia com o primo, mãos presas, namorada de uma linguagem de ouro e sandalo. Também aqui não ha que atterre. O terror veiu quando a carruagem parou, muitos vultos mascarados a cercaram, um delles matou o cocheiro, dous arrancaram as portinholas, apunhalaram Carlos Maria e deitaram o cadaver ao chão. Depois, um delles, que parecia ser o cabo de todos, tomou o lugar do defunto, tirou a mascara e disse a Sophia que se não assustasse, que elle a amava cem mil vezes mais que o outro. Logo em seguida, pegou-lhe nos pulsos e deu-lhe um beijo, mas um beijo humido de sangue, cheio de sangue, inteiramente sangue. Sophia soltou um grito de horror e acordou. Tinha ao pé do leito o marido.

— Que foi? perguntou elle.

— Ah! respirou Sophia. Gritei, não gritei?

Palha não respondeu nada; olhava á tóa, pensava em negocios. Então um receio assaltou a mulher, o de haver effectivamente fallado, murmurado alguma palavra, um nome qualquer, — o mesmo que escrevera na agua. E logo, espreguiçando os braços

para o ar, fel-os cahir sobre os hombros do marido, cruzou as pontas dos dedos na nuca, e murmurou mei alegre, meia triste:

— Sonhei que estavam matando você.

Palha ficou enternecido. Havel-a feito padecer por ella, ainda que em sonhos, encheu-o de piedade, mas de uma piedade gostosa, um sentimento particular, intimo, profundo, — que o faria desejar outros pesadelos, para que o assassinassem aos olhos della, e para que ella gritasse angustiada, convulsa, cheia de dor e de pavor.

CLXII

No dia seguinte o sol appareceu claro e quente, o ceu limpido, e o ar fresco. Sophia mettu-se no carro e saiu a visitas e a passeio para desferrar-se da reclusão. Já o proprio dia lhe fez bem. Vestiu-se cantrolando. O trato das senhoras que a receberam em sua casa, — e das que achou na rua do Ouvidor, a agitação externa, as noticias da sociedade, a boa feição de tanta gente fina e amiga, bastaram a espancar-lhe da alma os cuidados da vespera.

CLXIII

Assim, pois, o que parecia vontade imperiosa reduzia-se a velleidade pura, e, com algumas horas de intervallo, todos os maos pensamentos se recolheram ás suas alcovas. Sahiriam mais tarde naturalmente, — ao menos, por hygiene, — mas nenhum se aparelhou para deixar a hospedaria e vir cá fóra guerrear os pensamentos contrarios. Se me perguntardes por algum remorso de Sophia, não sei que vos diga. Ha uma escala de resentimento e de reprovação. Não é só nas acções que a consciencia passa lentamente da novidade ao costume, e do temor á indiferença. Os simples peccados de pensamento, offerecem essa mesma alteração, e o uso de pensar nas cousas affeição tanto o espirito a ellas, — que este, afinal, não as extranha, nem as repelle. Ha sempre um refugio moral na isenção exterior, que é, por outros termos mais explicativos, o corpo sem macula.

CLXIV

Um só incidente affligiu Sophia naquelle dia puro e brilhante, — foi um encontro com Rubião. Tinha entrado em uma livraria da rua do Ouvidor para comprar um romance; em quanto esperava o troco, viu entrar o amigo. Rapidamente voltou o rosto e percorreu com os olhos os livros da prateleira, — uns livros de anatomia e de estatística; — recebeu o dinheiro, guardou-o, e, de cabeça baixa, rapida como uma flexa, saiu á rua, e enfiou para cima. O sangue só lhe socegou, quando a rua dos Ourives ficou para traz. Não podia advinhar que elle a não tinha visto, sequer; nem podia saber que, não a vendo embora, não sahisse logo, não a conhecesse, não corresse a agarral-a, a dizer-lhe algum desvario.

E novamente a assaltou igual receio, dias depois, entrando na sala de D. Fernanda, e achando alli Rubião, — eram tres horas da tarde. Rubião não a viu chegar; estava mettido n'uma poltrona, na angulo da sala, perto da janella, inclinado sobre um album de retratos, que ia folheando. Não ouviu também as palavras de recepção entre as duas senhoras. Mas, ao fechar o album, ergueu a cabeça e viu Sophia; deu-se pressa em ir ter com ella, apertar-lhe a mão, pedir-lhe que a desculpasse, não a vira entrar; e perguntou-lhe pelo marido.

— Está bom.

— Dê-lhe lembranças. Agora as senhoras não de querer conversar sosinhas, dispensem-me. D. Fernanda, amanhã mando-lhe o meu retrato.

— Pois sim; sem falta.

— Sem falta.

D. Fernanda levantou-se para acompanhá-lo até a porta da sala.

— Elle vem aqui muitas vezes? perguntou Sophia, quando a outra tornou a sentar-se.

— Esta é a quarta vez, quarta ou quinta; mas só da segunda vez appareceu com o delirio. Das outras é como viu agora, socegado, e até conversador. Ha nelle sempre alguma cousa que mostra não estar completamente bem. Não reparou nos olhos, um pouco vagos? E' isso; no mais, conversa bem. Creia, D. Sophia; aquelle homem pode sarar. O nos o medico já me disse que ainda é tempo. Por que não faz com que seu marido tome isto a peito?

— Christiano tem ideia de o mandar examinar e tratar; mas, deixe estar que eu o apresso.

— Sim, falle-lhe. Elle parece ser muito amigo da senhora e do Sr. Palha.

— Ter-lhe-ha dito alguma inconveniencia no delirio, a meu respeito? pensou Sophia. Convirá revellar-lhe a verdade?

Concluiu que não; o proprio mal do Rubião explicaria as inconveniencias. Prometteu que apressaria o marido, e, nessa mesma tarde expoz o negocio ao Palha, approvando a ideia de tentar a cura. «Era uma grande *amolgação*,» redarguiu elle. E perguntou que interesse tinha D. Fernanda em tornar áquelle negocio. Que o tratasse ella mesma! Era uma atrapalhação ter de cuidar do outro, de o acompanhar, e, provavelmente, de recolher e gerir algum resto de dinheiro que ainda houvesse, fazendo-se curador, como dissera o Dr. Theophilo. Um aborrecimento de todos os diabos.

— Já ando com grande carga sobre mim, Sophia. E depois como hade ser? Havemos de trazê-lo para casa? Parece que não. Mettel-o onde? Em alguma casa de saúde... Sim, mas se não quizerem acceptal-o? Não heide mandal-o para a Praia Vermelha... E as responsabilidades? Você prometeu que me falaria?

— Prometti, e affirmei que você faria isto, respondeu Sophia sorrindo. Talvez não custe tanto como parece.

Sophia in istiu ainda, n'aquelle e nos outros dias, mas com grande fento para não enfadal-o. A compaixão de D. Fernanda tinha-a impressionado muito; achou-lhe um quê distincto e nobre, e advertiu que se a outra, sem relações e treitas nem antigas com Rubião, tinha aquelle sentimento desinteressado, era de bom gosto não ser menos generosa.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa.)

CHRONIQUETA

Rio, 6 de Dezembro de 1890.

Coisas tristes. — Resultados difficeis de prever. — A greve. — Duas quadras de *Garroche*. — Um rei de menos e uma rainha de mais. — Coisas que o chronista passa por alto. — O tiro de honra no romantismo. — O microbio da tuberculose. — O obituario da *Estação*.

Coisas tristes, profundamente tristes aconteceram nestes ultimos dias. Quero fallar do miseravel assalto de que a *Tribuna* foi victima, e dos factos subsequentes a essa scena de vandalismo, que escandalisou toda a população honesta.

Viram as leitoras que em tão doloroso momento a attitudé dos jornalistas fluminenses não podia ser mais nobre nem mais correcta.

A Imprensa pelio ao governo a punição dos culpados, e declarou que desapareceria para só apparecer quando satisfação lhe fosse dada. A briosa classe

typographica — e isso era indispensavel — poz-se immediatamente do lado da Imprensa.

Não é facil prever os efeitos deste singular estado de coisas, e quero crer que tudo se tenha resolvido com honra para ambas as partes, Imprensa e Governo, quando estas linhas apparecerem a publico.

Posta a questão nos termos em que se acha, não deve o chronista insistir sobre o assumpto. Lamenta apenas que, logo depois da revogação do famigerado e terrivel 23, houvesse o inaudito e escandaloso assalto que tantos embaraços está naturalmente causando ao gabinete.

O outro grande acontecimento da quinzena foi a greve dos carroceiros e cocheiros, uma greve originalissima, sem motivo, sem fim determinado, sem logica, sem explicação.

Fallou-se muito de manejos occultos dos *sebastianistas* para a perturbação da serenidade administrativa, mas quer me parecer que começamos a abusar da facilidade com que atiramos tudo ás costas dos *sebastianistas*.

Em todo o caso, nós, as nossas cargas, a nossa carne, e até os nossos defuntos durante dous dias estivemos quasi completamente privados de conducção. Os poucos vehiculos que andavam por essas ruas eram conduzidos por improvisados cocheiros, e guardados por praças do exercito com o respectivo fuzil convenientemente embalado.

A greve foi caracterizada em duas quadrinhas pelo meu bom amigo, o poeta *Gavroche*, no *Correio do Povo*. No dia da greve, escreveu elle, dirigindo-se aos *grévistas*:

Voltae no trabalho em breve!
Parvos sois, so não voltaes!
Pois com simillante greve
Só lueram... os animaes!

E, como acabasse a greve e chovesse muito:

A chuva á greve deu fim;
Foi justiça, reconheço,
Porque, leitores, emfim,
A chuva lhe deu começo

Essa quadrinha intitulava-se *chuva e chuva*. Para Sganarello tambem havia *fagot e fagot*.

Passando por alto a noticia de haver, com o fallecimento do ultimo Orange, um rei de menos na Europa, e mais um throno occupado por uma representante do sexo que um idiota ha muito tempo se lembrou de chamar fraco; passando tambem por alto a nomeação do primeiro cardeal brasileiro, e a *Revista Pedagogica*, e o fechamento das portas, e as conferencias positivistas, e a insignificante exposição do *Atelier Livre*, e toda a *menue monnaie* dos acontecimentos da quinzena; — quero fallar-vos, leitoras, da grande descoberta do Dr. Koch, de Berlim.

Já não ha tísicos! — adeus ó poesia! adeus ó Margaridas Gautiers! — não ha tísicos... nem tísicas!...

Descobrimo o microbio da tuberculose, esse grande medico, esse bemfeitor da humanidade, dá o tiro de honra no romantismo.

O governo brasileiro nomeou uma importante commissão de medicos brasileiros, composta dos Drs. Domingos Freire, Chapot Prevost e Virgilio Ottoni, para ir a Berlim acompanhar os trabalhos do Dr. Koch. Praza aos céos que esses tres profissionaes, o primeiro dos quaes é uma summidade scientifica, tragam consigo os meios de debellar o terrivel flagello que enche todos os dias pelo menos um terço do obituario do *Jornal do Commercio*.

Agora o obituario da *Estação*. Falleceram: Amaro Bezerra, o ex deputado, que era em politica um correligionario dedicado, mas um adversario temivel, embora leal; Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada, escrivão do 1º cartorio do Juizo da Provedoria, pae do distincto poeta Osorio Duque Estrada, e o negociante Joaquim Antonio Gonçalves, pae do meu bom collega Alfredo Gonçalves, da *Gazeta de Noticias*.

Confesso que, para *mot de la fin*, esse ultimo parographo é de uma infelicidade unica.

ELOY, O HERÓE.

POESIA

A UMA CANTORA

Cantavas. Sobre mim, frecha ligeira
Passou zumbindo no ar... Amor, que estava
Junto a ti, contra um'alma, d'elle escrava,
Despedira-a com mão pouco certa.

Mas vendo assim baldada essa primeira
Frecha, outra arranca da luzente aljava;
Vibra-a; e esta, emfim, aguda se me crava
N'alma... Arranca depois uma terceira...

E eu clamo: « Estou ferido! Estou ferido;
Suspende, amor! » O Amor não nos faz brecha
Só pelos olhos, minha doce amada;

Pelos olhos não foi; foi pelo ouvido,
Foi pelo ouvido, que me entrou a frecha:
Siuto inda n'elle a dor d'essa frechada.

RAYMUNDO CORRÊA.

O Suicidio

Na nossa bella Capital Federal foram dados á publicidade diversos artigos primorosos, um dos quaes firmado pelo sympathico e valente publicista Valentim Magalhães, lembrando á imprensa a conveniencia do uso do silencio em referencia ao suicidio.

Acreditam os distinctos articulistas que uma propaganda n'esse sentido dará execução a uma idéa humanitaria — a unica que pôde produzir alguns resultados benéficos contra tão terrivel praga, isto é, contra o suicidio.

Igual idéa appareceu em Lisboa, motivada, como aqui, pelos repetidos casos de suicidio que se têm verificado ultimamente, e que todos nós lamentamos.

Valentim Magalhães conclue o seu bonito artigo com estas palavras:

« Eu, sem prestigio para ousar impôr, nem importancia para pedir, limito-me a erguer a bandeira branca da misericordia e a supplicar fervorosamente, em nome das familias que o suicidio desgraça e da civilização que elle prejudica, roubando-lhe muitos servidores de merecimentos:

— Silencios sobre os suicidios! »

Não! digo eu — prestigio e importancia tem o estimavel articulista, e muita; quem nada vale é o humilde individuo que este firma. O que, porém, este tem é pouca fé na efficacia da medida lembrada: para melhor dizer — não acredita n'ella, nem em outra qualquer que tenha por fim o triumpho imaginado na que é alludida.

Eu curvo-me respeitoso ante as autorizadas opiniões com as quaes associam-se os propagandistas do silencio pela imprensa; mas peço-lhes venia para conservar as minhas idéas completamente libertadas.

— Uma experiencia, pelo menos — pedem.

E sera prudente tentá-la? — Talvez o fosse si a inefficacia d'ella não fosse manifesta.

Com effeito, a medida poderosa, segura e unica existente contra o suicidio não será a que fora inculcada no fundo de nossa alma como providencia soberana, para a nossa conservação? Uma tentativa, por parte do homem no sentido de fortalece-la não será um absurdo?

Não haja, pois, receio de contagio, nem que este tome incremento para depois passar á moda o suicidio, como se disse.

Tem se verificado grande numero de victimas? — Simples e incidencia, o que em tudo sempre se deu e se dará.

Contra a lei soberana, que domina não sómente a humanidade, mas todos os demais seres existentes no globo terraqueo, o que poderá haver? — Essa lei impõe a todos aquelles seres, que se movem sob a sua acção imponente, o dever restricto de conservarem a sua existencia que lhes não pertence de direito, mas apenas como um bem, do qual são meros usufructuarios.

Que vem, portanto ao caso, o darem-nos ou não sciencia de que por um enfraquecimento mental, cuja explicação não poderá ser dada nem estar na nossa comprehensão, alguém infringiu naquella lei suprema, si é que com a realisação d'um suicidio isto mesmo, possamos affirmar?

E' um exemplo? Mas que valor têm os exemplos no caso vertente?

Pois não estamos vendo que nem os brutos deixam de respeitar a lei magestosa da conservação da vida.

Por outro modo, si a noticia da imprensa desperta idéa favoravel á reproducção dos casos de suicidio, porque não conterà ella idéa a isto em contrario?

Sim, — si a imprensa, com a sua pratica, pôde abalar a lei suprema, que nos impõe a conservação da nossa vida, para casos lastimaveis, e para os quaes l'atra constante condemnação, por que motivo não se ha de suppor que contribua para que o abalo soffrido por tão soberana lei seja sempre ou, pelo menos, muitas vezes favoravel á humanidade?

Pois as noticias que ella nos transmite não nos farão recordar os horrores e as calamidades que deixa o suicidio, tanto mais que taes registros são feitos, tambem, com esse proposito?

Essas idéas, que, em nossa calma, repellimos e nos commovemos, não serão elementos poderosos, em honra de nossos desesperos, contra a lembrança sinistra de dar-nos fim á existencia?

Eu estaria certamente inclinado á crença d'este ultimo caso si, como disse antes, não considerasse inutil qualquer tentativa de alteração na lei suprema, reguladora da nossa conservação pela simples noticia, de que, como aberração aos principios estabelecidos na referida lei, ha homens que se estrangulam.

Taes noticias não podem, pois, ter valor algum, e inuteis, em todo o ponto, serão os esforços empregados com a propaganda da idéa que as condemna.

(Maranhão)

AUGUSTO BRITTO.

THEATROS

Rio, 6 de Dezembro de 1890.

Peças novas tivemos apenas duas: *As mulheres são o diabo!*, no Lucinda, e o *Carneiro preto*, no Variedades.

As mulheres são o diabo! é um vaudeville de Navarro de Andrade, comediographo que não poude ou não quiz mostrar agora o mesmo talento que tem revelado n'outras composições. A sua nova peça escapa inteiramente á critica, e não se recommenda nem pelo engenho da ardidura nem pelo espirito do dialogo. Não insistimos.

O *Carneiro preto* é a traducção da comedia *Un merle blanc*, de Labiche, feita pelo distincto escriptor Coelho Netto. Não assistimos á primeira representação, que foi hontem. No proximo numero fallaremos.

No Polytheama trabalha agora uma companhia de zarzuelas, que, depois de representar muitas peçinhas em um acto, deu ha dias *El Barberillo de Lavapiés* e hontem *Robinson*, zarzuelas de Barbieri, ambas muito conhecidas do publico fluminense.

Nada de novo nos outros theatros: no Recreio voltaram á scena o *Sarilho* e o *Conde de Monte Christo*; na Phenix continúa o *sucesso de Surcouf*, o *corsario*, que vai ser substituido pelo *Ovo*, opera-comica de Audran; no Sant'Anna conserva-se em scena o *Lago das fadas* e no Apollo a *Gallinha dos ovos de ouro*.

Ensaiam-se quatro operetas: o *Ovo* e a *Guardadora de ganços* (Phenix), o *Coração e a mão* (Sant'Anna), e a *Buenaticha* (Apollo); e tres magicas: *Frei Satanaz* (Variedades), *Pif-paf* (Recreio), e a *Fada azul* (Lucinda).

O Rio de Janeiro tem duas magicas em scena e tres em ensaios, ao passo que em S. Paulo estreio-se ante-hontem, com o *Ernani*, de Verdi, uma companhia lyrica italiana!...

X. Y. Z.

BIBLIOGRAPHIA

VERSOS, por Wencesláu de Queiroz, S. Paulo.

Wencesláu de Queiroz é incontestavelmente um verdadeiro artista, que comprehende a arte sob todas as suas manifestações. Possuidor de um bello talento, muito productivo, tem se revellado não só um fino poeta como elegante prosador. Neste livro, onde se sente a forma despida de todas as incorrecções, sobresahe um sentimentalismo novo, moderno, moldavel a todas as suas impressões subjectivas.

A mulher, esse thema que nasceu com os cantos dos primitivos poetas, tem nos seus versos a nota predominante, cheia de um lyrismo, de uma doçura como a verdadeira formula romantica dos trovadores medievaes. D'ahi estes sonhos vaporezos, esta phantasia oriental, estragando-lhe a mentalidade, torcendo-o mais propriamente, para o lado desconhecido do seu meio, para o paiz das neves, para essas regiões nebulozas impossiveis de serem cantadas e descriptas por um poeta brasileiro, como Wencesláu de Queiroz.

Nos seus versos ha poesias admiraveis, deliciosas; *Neves eternas*, por exemplo, é de um primor na phantasia, e de um requintado na forma; São assim muitas outras. Pois bem, Wencesláu de Queiroz que tem tanto merecimento, para que não escreve e canta servindo-se de outras imagens e comparações, essa exuberancia tropical e vantajosa que possuímos, dando-lhe com o seu caprichoso talento as côres locais que tanto faltam nas suas poesias?

Dê-nos muitas como *Marinha*, *Passeio Matinal* e *No Sertão*, que applaudiremos com muita alacridade a um bom artista, collaborador da grande arte brasileira, descurada por quasi todos os nossos melhores poetas, apesar de seus versos terem o contubernio dos lyrios e das rozas.

AVISO

Rogamos ás nossas bondosas assignantes, cujas assignaturas terminam com o numero de 31 de Dezembro, o obsequio de as mandar reformar, evitando assim demora na entrega do 1º numero de Janeiro.

VARIEDADE

CHUVA DE OURO

No tempo de hoje bem se vê que esta historia é ridicula. E haverá muita gente que custe mesmo a acreditar que ella tenha succedido algum dia. Agora que, com uma humilde acção de companhia, quem quer pôde-se alcançar ás sete quintas da riqueza, é difficil dar confiança áquelle que vos venha contar de um individuo desabrigado inteiramente, sem um BEU' falso na carteira.

— Isto é uma patranha! clamarão, indignados. Alli está o ensilhamento na rua da Alfandega. Quem morrer á fome actualmente é mesmo porque não tem um pingão de actividade nas veias.

... Mas, escravos do Milhão, o meu caso é bem velho, tem pelo menos meia duzia de annos, e aconteceu quando ainda em materia de finanças amarrava-se cachorro com linguças, reinando os Affonsinhos.

Até aos 12 de idade, a vida fôra para o Leopoldo Mesquita, o Leopoldinho de então, uma corrente de diamantes, magica e obediente, em que bastava tocar com o talismão do desejo para que um quadro paradisiaco se lhe desven-

dasse. O pai, cujo nome era precedido do indefectivel e acariciador — *opulento capitalista* nos noticiarios mais livres, morrera e deixara-lhe por toda a fortuna uma casa hypothecada, que pagava as dividas com diminuto saldo, a reputação de honradez massiça e a velha mãe, dedicada, inconsolavel. Illuminou-se por um clarão a fôrma da representação faustosa que fazia o conselheiro, a poder de habilidade e de esforço sobre si mesmo. Com o auxilio apenas de uns braços cançados, em que a ternura senil diminuia o valor amoroso, o menino principiou logo, com muita dôr, a carreira de expedientes, contraria ao seu genio, protestante de favores. Foi-se acostumando violentamente para o seu espirito meigo e sympathico ao silencio, ao esquecimento da queixa, ao odio do pedido. E pegou de trabalhar com valentia no serviço mais a geito, prestando-se dignamente a qualquer especie de affazeres, mas tendo tambem de aceitar obsequios que o molestavam. Depois — singular organização! — não se podia dar com-taplemente com ninguem; e quanto mais necessitado, tanto mais rebelde, tanto mais exquisito, tanto mais incompativel com as transigencias sociaes, tanto mais estranho ás contemplanções mundanas e reciprocas. Era um orgulhoso, sobretudo. E, apesar disso, desde a orphandade, mostrára o maior prazer em ser util, saboreando os momentos que se lhe apresentavam de presentear e de coadjuvar.

Com o pequeno tirocinio de escola, com que a mãe o havia doado, em sacrificio proprio, apressando as voltas da agulha e augmentando os serões de costura, pôde entregar-se aos 15 annos aos misteres da padaria, sabindo cedinho a entregar os pães, de casa em casa, na fresqui-dão do ar coalhado pelo cheiro grosso do leite, ao tintin-nabular das campanhas em movimento. Ahí permaneceu por quatro annos melancolicos de carestia, até que, já próximo dos vinte, havendo tirado vinte contos n'uma loteria, de que certo freguez lhe dera em festas um bilhete, esta-beleceu-se por conta propria.

Logo, a intelligencia pratica e clara, sensata e perseverante, de que sempre se soubera aproveitar, levou-o a ligar os estudos, procurando desenvolver-se nos lazeres da faina, ao mesmo tempo que lhe suggeria uma revolução no seu negocio. A principio não lhe trouxe esta grandes proventos, como esperára entusiasticamente. Na leitura, porém, os resultados foram rapidos e brilhantes. Aos 22 já possuia uma illustração unica entre os seus iguaes. E quando attingio os 28, o Leopoldo Mesquita já tinha voto na assembléa dos sabios da cidade, conhecia profundamente as litteraturas mais vulgares, e era admirado pelo mestre-regio caturra e pé-de-boi que o ensinára e que lhe previa um posto distincto na camara provincial, apenas a madureza da reflexão se mancommunasse com a abun-

MEDALHA DE OURO
VINHO DO DR VIVIEN
COM EXTRACTO DE
FIGADO de BACALHAO
Mais efficaz ainda de que o oleo escuro de figado de bacalhao
E' soberano para combater:
A ANEMIA, A FRAQUEZA, O RHEUMATISMO, AS MOLESTIAS DO PEITO, A TISICA, ETC.
De gosto exquisito, facil digestão e completa assimilação, esta preparação é
PRECIOSA PARA AS CREAÇAS
Em todas as Pharmacias
PARIS, Boulevard de Strasbourg, 50.

TONICO * FEBRIFUGO
REGENERADOR
QUINA-COCA
Extracto de Carne
Hypophosphitos.
Energico Reconstituinte
recomendado nos casos da
Pobreza de Sangue,
Chlorosis, Lymphatismo, Febres Perniciosas
e principalmente as Senhoras nos casos de Fluxo Branco, etc.
EM TODAS AS PHARMACIAS
PARIS, Boulevard de Strasbourg, 50.

VINHO DOCTOR JOHANN

HOUBIGANT
PERFUMISTA
Da Rainha de Inglaterra e da Corte da Russia
19, Faub^s St-Honoré PARIS
CASA CRIADA EM 1775

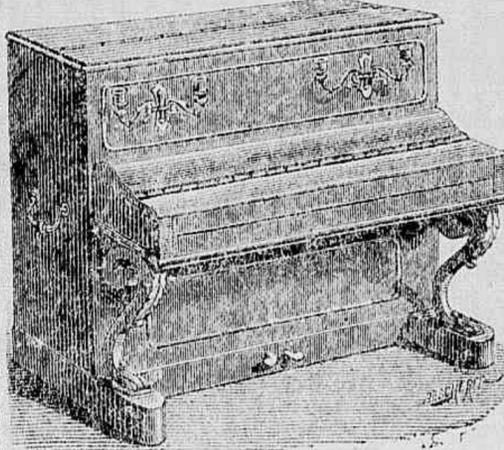
PRODUCTOS RECOMMENDADOS
AGUA HOUBIGANT sem rival para o Toucador
AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.
AGUA de COLONIA IMPERIAL.

EXTRACTOS PARA O LENÇO
VIOLETTA SAN REMO, LILAZ BRANCO,
HELIOTROPIO BRANCO, PEAU D'ESPAGNE,
MOSKARI, MUGUET, IMPERIAL BOUQUET,
HOA-ROSA.

SABONETES. OPHELIA, PEAU D'ESPAGNE.
LEITE DE THRIDACE.
PÓS OPHELIA adherentes, perfume exquisito.
LOÇÃO VEGETAL para a Cabelleira.

Perfumaria especial Moskari

PIANOS
FOCKÉ FILS AINÉ
9, Rue Morand, 9
PARIS



Medalhas de Ouro
GARANTIDOS POR DEZ ANNOS
ALUGAM-SE E VENDEM-SE
83, Avenue Victor-Hugo, 83

Em Casa de todos os
Perfumistas e
Cabelleireiros de
França e do
extrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial
PREPARADO COM BISMUTHO por

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

NINON DE LENCLOS

escarnecia da ruga que nunca ousou chegar-se á sua epiderme. Assim conservou-se bella e joven até mais de 80 annos, rompendo constantemente a sua certidão de nascimento ás barbas do Tempo, que em vão feria com a sua foíce esse lindo rosto sem nunca poder mordel-o. « Estão verdes! » dizia forçado o velho rusguento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas.

Esse segredo, que a grande facieira egoista nunca quiz revelar a nenhuma das suas contemporaneas, foi achado entre as folhas de um volume da *Histoire amoureuse des Gaules* de Bussy-Rabutin, que pertenceu á bibliotheca de Voltaire, e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, RUE DU 4 SEPTEMBRE 51, à PARIS.

Esta casa vende o ás nossas elegantes mundanas sob o titulo de VERITABLE EAU DE NINON, hem como as receitas que d'elle resultam, taes como

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrescante;
EAU CAPILLAIRE DE NINON
que torna á primitiva cor ao cabelo branco; o
LAIT DE NINON
que da alvura brilhante ao rosto, ao collo e aos hombros.
No numero dos productos apreciados e conhecidos da PARFUMERIE NINON estão o

LAIT MAMILLA
que endurece e branqueia o peito, dando-lhe graciosas proporções; a
SEVE SOURCILIERE
que alonga, engrossa e escurece os cilios e sobrancelhas, dando vivacidade ao olhar; a
PATE MANODERMALE DE NINON
que branqueia e amacia as mãos; o
COLD-CREAM DE NINON

Compreza exigir o nome e o endereço da casa sobre o rotulo para fugir das imitações

A VERDADEIRA
AGUA de BOTOT
É o unico Dentifício
Aprovado PELA
ACADEMIA de MEDICINA
de Paris



PÓS DE BOTOT
Dentifício com Quina
PASTA DE BOTOT
VINAGRE DE TOUCADOR
(Superior)
O SUBLIME
Paragem immediata da queda dos cabellos

PARIS, 17, Rue de la Paix.
RIO DE JANEIRO: Em todas as principaes
Drogarias, Perfumarias e Poliquerias.
Exigir a Firma.

dancia da sciencia e a cordura do proceder Porque o des-
temido negociante, tão abatido de sonhos, mas tão arreba-
tado ás vezes de idéas e de factos, era considerado um
extravagante. Embalde estava evidente o seu louco amor
materno e a sua forte mania trabalhadora.

O Sr. Leopoldo Mesquita, no entanto, retirava-se uma
tarde a domicilio, regressando de uma palestra com o seu
intimo, o advogado Dr. Isidoro da Cunha, de quem fóra
tomar de emprestimo o ultimo volume de Zola, vindo por
encommenda especial, quando n'uma esquina topou uma
familia, tres senhoras nunca vistas na localidade, sentindo
um abalo, talvez que palpitações.

A mais moça, de 17 solidos annos, pareceu-lhe imme-
diatamente um optimo partido, no ponto de vista da bel-
leza e da doçura.

Chegou em casa já transtornado.

Notando a alteração, a velha perguntou-lhe se tinha
visto passarinho verde.

— Qual! Estou mas é cansado da caminhada e da con-
versa do Dr. Isidoro, que me prendeu hoje muito tempo.
Diga-me uma cousa: Não appareceu alguma reclamação?

E, dada a desculpa, retirou-se ao gabinete. Agitou-se de
um lado para outro, irregularmente, aquella lembrança
inapagavel. Compreendeu que estava apaixonado para
sempre...

(Ah! os burguezes têm a sua poesia).

. . e, portanto, correctamente, devia casar-se, devia satis-
fazer a paixão. Largou para fóra, arranjando um pretexto,
com o intento fixo de indagar quem era a rapariga que,
se não tivesse inconvenientes e se fosse solteira, tinha de
dominal-o.

Por um acaso, o amigo Rodolpho que logo avistou, nar-
rou-lhe uma visita recebida havia pouco, de umas primas
muito pobres e muito galantes, com a mais velha das
quaes ia matrimoniar-se em breve, realisando um voto de
infancia. Subitamente confiado em que achára a morada
do seu idolo, o Leopoldo solicitou do camarada que o
apresentasse ás pequenas, cujas relações travaria com

agrado, pelos encomios que lhes faziam e pela bondade
dos parentes.

Mezes depois, o Leopoldo estava de consorcio tratado,
com transbordante gaudío da velha e das irmãs da noiva,
que viviam sob a vigilancia de um tio caritativo.

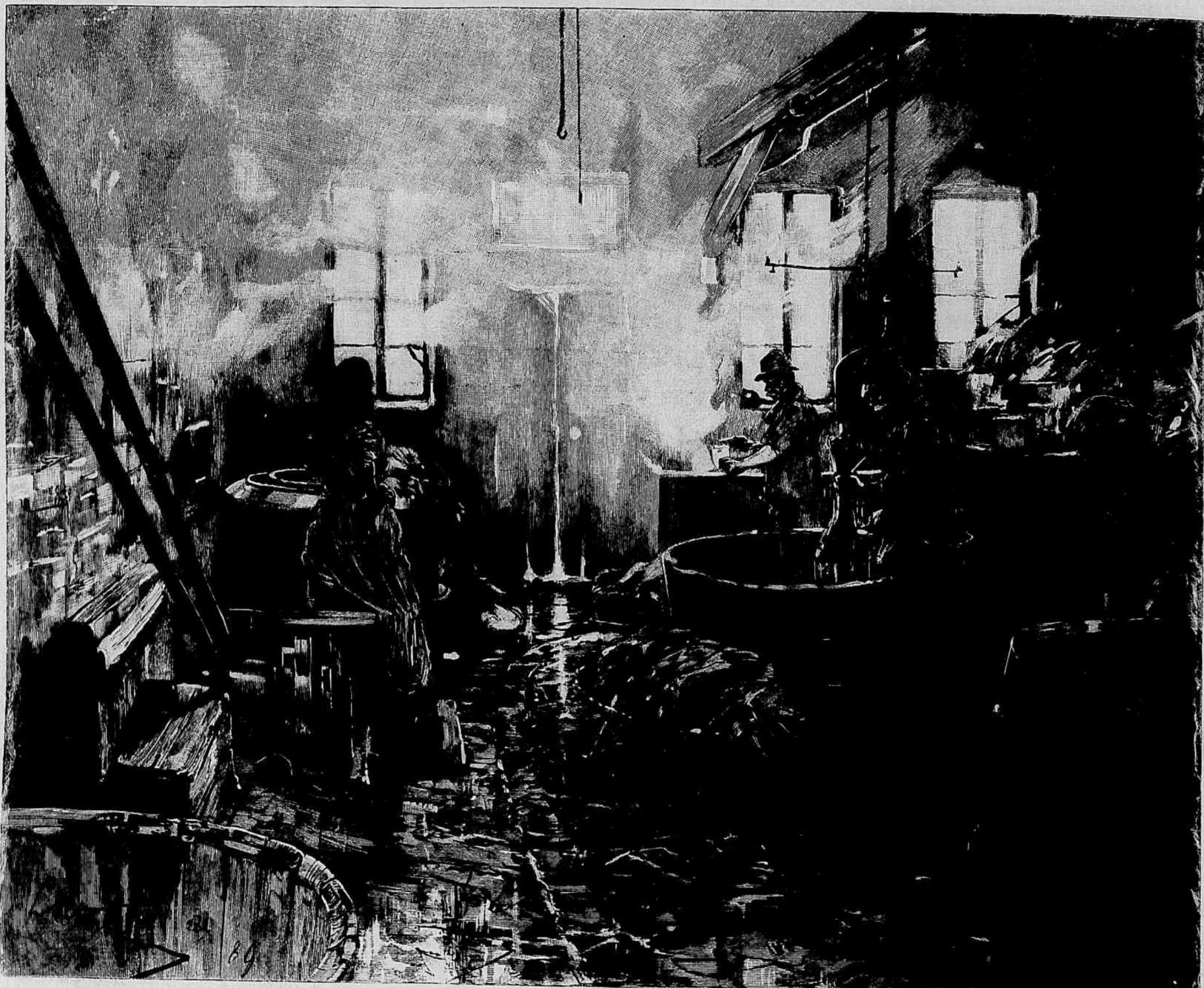
E, tomando juntos o cha de cada noite, n'um vão de
janella, o moço não se cansava de deplorar, na affectuos-
dade das almas ligadas, que não tivessem muito dinheiro
para doirar a sua felicidade, para gosar melhor a sua
estima.

Semanas e semanas correram depois da lua de mel.
Mas, parece que o noivado ainda não passou. Resurge o
enlace louco de cada minuto, de cada segundo.

Já deitados, Leopoldo e Clotilde transmittem impressões
e extasiam-se de se escutarem.

— Mas, interroga inesperadamente Clotilde com uma
lembrança perversa, porque deixaste ha tanto de cobiçar
os thesouros com que projectavas fazer beneficios ao
mundo e vantagens a ti proprio?

— E' que o que tenho é de sobra.



FABRICAÇÃO DAS FLORES

E, responde pegando das touras tranças dispersas pelo
traveseiro, os teus cabellos amarellos têm para mim a
radiencia offuscadora de uma infinidade de cofres de
moedas. E eu perderia a mais bella, a mais entranhada, a
mais fixa das minhas illusões se, em apuros, recorrendo
com um fio das tuas madeixas a um banco pudessem re-
cusar-me um credito superior á terra inteira do Brazil!

LUIZ QUIRINO.

A HYGIENE NO LAR

Como se deve comer?

Pergunta facil, que tem a sua resposta muito ao pé da
letra: *mastigandó*. Nisto justamente é que consiste uma
das maiores difficuldades, porquanto nem todos sabem ou
podem *mastigar*.

A outra difficuldade equivalente está no limite da
alimentação; em geral, comemos demais, sem regra, sem
preceito, — comemos emfim para encher o estomago

E é por isso que continuamente ouvimos queixarem-se
de incommodos desse orgão, enfermidades estas compa-
tíveis com a vida, é certo, mas incompatíveis com o
goso de perfeita saude.

Geralmente, quando se vae para a mesa não se con-
sulta o appetite, não se attende á delicadeza e tolerancia
do estomago. Sôpa, sôpa muito gôrda. Sofre-se do
figado? Qu'importa! tome-se sôpa bem gorda, porque o
luxo é sorver todo aquelle unto, que sobrenada. Mas, o
figado? Qu'importa ás funções o figado? Ha *cosido*? Venha
o *cosido*: toucinho, fiambre, carne do peito com bas-
tante gordura .. Depois, feijão; e com elle ainda touci-
ninho e carne secca ... Mas, o figado? o estomago?

Seguidamente o frango de cabidela ... e o bife, o classico
bife de grelha, cru, escorrendo sangue ... E o estomago?

Não importa, comtanto que elle se encha. E a farinha? E
a pimenta? E o pessimo vinho, excessivamente alcoolico
ou carregado de materias corantes? E os grandes côpos
d'agua, que toda essa bucha reclama para atravessar o
esophago e penetrar na respectiva cavidade? E assim
guerreamos sem tregua o estomago, que não póde, pela
importancia de suas funções, conservar-se indifferente a
tantos e tão repetidos ataques. O oxygenio sob tão alta
pressão é um veneno, — o abuso do alimento e dos vi-
nhos ainda mesmo finos, é tambem veneno.

Como se deve comer? *mastigando*, já sei. Mas se tu,
leitor amigo, não mastigas a comida, se accumulias no
estomago alimentos pesados ingeridos sem preceito hy-
gienico, e que — apenas são colhidos pelos respec-
tivos succos — lá penetram outros, que interrompem ou
distragem esse trabalho, não só por sua propria natureza,
como pela susceptibilidade de teu estomago, que não
consultas, nem respeitas?

Queres uma prova d'isso? Toma um pequeno calice, e põe n'elle um pouco de sôpa; adiciona-lhe mesmo alguma carne, hervas... E agita tudo bem até ficar delido. Como sabes, para que a digestão se opere e as partes dos alimentos absorvidos, que aproveitam á nutrição, contribuem realmente para conservar e renovar o corpo, cumpre que elles fermentem, e fermentem perfeitamente, do mesmo modo que os princípios da cerveja fermentam na cuba do cervejeiro e os do vinho na do vinicultor. Pois bem: preparemos uma digestão artificial. Juntemos os ermentos da digestão; mas, com toda a cautela, porque como ninguém ignora — a fermentação alcoolica quando excede de certo limite, degenera em vinagre. Trata-se de um estomago fraco, do estomago de uma moça acemica, adicionemos um pouco de peptona, de quina, de lactophosphato de calcio.... O vinho de Silva Araujo, por exemplo... Ha tambem um pouco de atonia, de preguiça do estomago, juntemos um pouco de pepsina, ou — melhor ainda — da Papaína glicerinada de Niobey ou da Papyotina de Peckolt. .. E continuemos a agitar o calice, ao de leve. Filtremos: obtêmos dous productos, um claro, limpido, transparente, com todos os princípios assimilaveis do alimento, — outro, escuro, turvo, amalgamado, que constitue a escoria, as fézes.

Mas, não se observe aquella ordem, certa harmonia no consorcio das substancias, que tem de ser misturadas, e confundâmos — n'um só vaso — sôpa, paio, cabidêla, feijão semi-crú, favas, peixe, cerveja, vinho, banana, laranja, calda... Ataquemol-os pelos mesmos fermentos, auxiliemos a sua união por tantos quantos meios imaginarmos, e nunca conseguiremos emulsional-os, nunca obteremos uma parte nutriente e assimilavel e outra de escoria; mas simplesmente um bólo indigesto, que tenderá a sahir, a precipitar-se do estomago, fazendo-se acompanhar de vomitos, arrôtos, colicas, mão-estar, suores frios, dores de cabeça, diarrhéa.... E ali temos uma completa indigestão.

E as indigestões, graves ou passageiras, manifestas ou despercebidas, são outras tantas causas que concorrem para as enfermidades mais frequentes do canal gastro-intestinal. O estomago habitua-se a regeitar os alimentos, funciona mal e se dilata; e, entre nós, quantos não tem o estomago dilatado e o ignoram! E sobreveem as dyspepsias, essa terrivel molestia que affecta as formas mais extravagantes, que actúa simultaneamente sobre o physico e sobre o moral, lançando o pobre doente no maior desespero, porque inhabilita-o para o trabalho e torna-o avesso a todas as expansões d'alma!

Assim, pois, insistimos: como se deve comer? Mastigando, sim; porque a mastigação é o ponto de partida essencial, necessario á digestão.

Os sabios dão sete vezes com a lingua em volta da bocca antes de falar; pois bem: a prudencia higienica aconselha que se mastigue o bolo alimenticio mais de vinte vezes antes de engulir.

Quem mastiga bem digere perfeitamente, come muito menos e satisfaz mais depressa o appetite. Levanta-se da mesa como se tivesse comido bem, e — com effeito — si se absorveo menos assimilou-se melhor, o que é uma grande vantagem.

Quando se engole sem mastigar e rapidamente, parte dos alimentos não são perfeitamente envolvidos pelos succos digestivos, as transformações são incompletas, e o organismo arrasta as sobras ou fabrica substancias toxicas.

Cumpre, pois, antes de tudo, saber comer. Comer segundo os preceitos é as vezes um pouco enfadonho; mas cumpre não vacillar, comer bem ou ser dyspeptico, — deglutir o alimento inteiro ou expôr-se a soffrer de dilatação do estomago.

Neste dilemma, a opção é facil.

DR. PIRES DE ALMEIDA.

HORAS DE OCIO

Enviaram decifrações certas Colombina, (Edipo, Gremio X e T, O, respondendo:

Aos nomes em forma d'estrella:

C B O
 A A I
 M R Z
 E S T A Ç Ã O
 P L R
 A H Ã
 R O O

A cryptographia por accrescimos: a adulação é como a moeda falsa, empobrece a quem a recebe: que se lê

começando pela segunda letra e lendo de duas em duas.

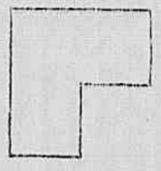
Do problema arithmetico:
 O homem conhecia a propria estatura, a qual era 1m65. Calculou portanto rapidamente a seguinte regra de proporção.

$$\frac{16,5 \times 16}{3,50} = 7,54$$

NOVOS PROBLEMAS

30 Problema geometrico

Cortai um polygono de papel igual á figura abaixo. Em seguida, em dois talhos, dividi-o em tres pedaços que reunidos produzam um quadrado perfeito.



31 Logogripho

- E' celebre no paganismo 8,9,8,9,2,7
- E' celebre no paganismo 6,2,9
- E' celebre no paganismo 8,6,7,2,7
- E' celebre no paganismo 3,4,2,9
- E' celebre no paganismo 8,6,7
- E' celebre no paganismo 9,8,9,5,6,7
- E' celebre no paganismo 2,4,2,8,6,2
- E' celebre no paganismo 9,8,9,10,1,7

Figura homem damnhinho, de má condição, esperto bicho de tal natureza antes longe do que perto

32 Metagramma

Com as letras A, A, B, C, F, G, L, M, P, R, S, T, V, formai dez palavras portuguezas diferentes entre si apenas na primeira letra.

NEMO.

N. B. A correspondencia relativa a esta votação deve vir a Nemo, no escriptorio d'esta folha.

FESTAS E SARAUS

CLUB F. 1º DE ABRIL.

A partida do mez passado esteve mui concorrida, dansando-se animadamente até que o despontar do sol viesse avisar que era preciso pôr termo á tão agradável festa.

CLUB VIOLETA

Os salões deste elegante club regorgitavam de convidados por occasião da ultima partida que alli se effectuou, e da qual, certamente, hão de ter guardado boas impressões todos os que lá foram.

CLUB 14 JUILLET

Houve, no mez passado, imponentissima festa commemorativa do 13º anniversario deste club.

Foi uma noite, como se costuma dizer, cheia, tendo comparecido a essa festa inumeras familias.

O concerto esteve magnifico, sendo alvo dos mais ruidosos applausos os distinctos amadores.

CLUB DA GAVEA

O sympathico Club da Gavea realizou no mez passado esplendida recita em beneficio da irmandade de N. S. da Conceição da Gavea.



FABRICAÇÃO DAS FLORES

O programma do espectáculo agradou immenso, pelo capricho com que fôra organizado.

Fez sua reaparição o distinctissimo amator e ensaiador Rodolpho Croner, que se viu acerçado de innumerous applausos.

ECONOMIA DOMESTICA

Para conhecer a pureza do leite

Eis o modo mais simples de verificar a pureza do leite.

Toma-se de uma agulha de aço que se limpa com todo cuidado para que não lhe fique adherente materia gorda alguma; mergulha-se essa agulha no leite retirando-a logo verticalmente.

Se o leite for puro ficará um pingo suspenso á ponta da agulha. Se o facto não se der, o leite tem agua.

Massa phosphorica para matar baratas

Deita-se em um pilão 4 grammas de phosphoro e 80 grammas de agua a ferver. Quando o phosphoro estiver liquido junta-se 80 grammas de farinha, mechendo e pilando bem.

Quando esteja quase fria a mistura junta-se 80 grammas de sebo derretido quasi frio, 40 grammas de oleo de nozes e 50 grammas de assucar em pó. Continua-se mechendo até completo resfriamento.

Forma-se assim uma massa que deve ser conservada em vidros, bem arrolhados, ao abrigo do ar.

Estendida em camadas ligeiras sobre fatias de pão, mata a barata e mesmo camondongo ou rato que d'ella comerem.

Cumpra ter-se cautela em não deixar-se essa massa ao alcance de pessoas ou animaes domesticos.

Lavagem de liós e crepes

A lavagem d'essa especie de tecido faz-se facilmente por meio de fel de boi e gema de ovo, misturados em agua pura. Para um litro de agua deite-se uma gema e um copo regular de fel.

Essa mistura é levada á temperatura morna. Com um panno muito limpo bem embebido, esfrega-se ligeiramente o filo ou crepe, estendidos e firmes, por meio de alinetes sobre um panno estendido em uma mesa. A mesma operação repete-se dos dois lados. Deixai em seguida que seque assim mesmo estendido.

Lavagem de oleados

O oleado que em muitas casas se usa sobre a mesa de comer mancha-se com muita facilidade, sem que a simples lavagem com agua possa o limpar.

E' sufficiente derramar nos pontos manchados alguns pingos de vinagre forte, esfregando bem logo em seguida, com panno secco, para que de prompto se torne o oleado brilhante como quando novo.

Asseio dos pentes e escovas

Depois de servir por algum tempo os pentes e escovas cobrem-se de materias gordurosas que convem limpar de vez em quando. Para conseguil-o empregam-se soluções alcalinas de amoniaco, soda ou potassa.

NOSSAS GRAVURAS

Fabricação das flores

Tratam de assumptos bastante conhecidos da maioria das nossas leitoras as bonitas e expressivas gravuras com que illustramos o numero de hoje.

A fabricação das flores artificiaes constitue uma grande industria nas populosas cidades do velho continente e mesmo em nossa capital, onde não poucos estabeleci-

mentos existem especialmente dedicados a essa exploração.

Industria delicadissima, é ella na maioria dos casos entregue ás mãos habéis e finas das senhoras, principalmente as ultimas operações, as quaes requerem maior somma de attenção e paciencia.

A primeira das gravuras trata da tintura das gramineas e a segunda do fabrico dos ramos.

Não nos abalançamos a mais explicações, tão intelligentemente são copiadas as scenas.

CORRESPONDENCIA

45620 — Campos — Um pintor habil pôde fazer de memoria o retrato de um parente ou amigo, mas lutará com grande difficuldade para reproduzir do mesmo modo as proprias feições. Não conhecemos perfeitamente os nossos traços, e suppondo-se que a humanidade existisse em duplicata poucos reconheceriam o seu Sosie ao encontra-lo na rua. As mais das vezes perguntaria a si mesmo: — Quem será aquelle sujeito, cujo semblante não me é desconhecido?

37654 — Desterro — Não é permitido remetter valores em cartas sem registrar com valor declarado, sob pena de multa de 25 %.

Esplunge Junior — Mando nos as suas charadas e logogriphos, Com quanto procuraremos nos problemas que publicamos, fugir do que nesse genero não fôr moderno, tambem queremos a variedade, publicando portanto problemas em todos os generos, sem excepção, contanto que á sua confecção presida espirito, gosto e engenho.

PARFUMERIE EXOTIQUE

35, Rue du 4 Septembre, PARIS

Anti-Bolbos

producto de toilette especial para destruir os pontinhos pretos do nariz, da testa e do queixo sem fricção e fechando os poros da pelle. 5 fr., 10 fr. e 20 fr. cada frasco.

Pâte des Prélats

inventada pelo monge Don Del Giorno para embelezamento das mãos do papa Leão X. Pelo emprego da Pâte des Prélats as mãos tornam-se alvas, finas, macias e mistocraticas. 5 fr., 8 fr. e 15 fr. cada pote.

A Pâte des Prélats tem de mais o privilegio de prevenir e curar as rachas, as frieiras e suas cicatrizes.

Fleur de Pêche

pó de arroz refrescante, subtil e adherente que dá á tez uma alvura diaphana, a través da qual os tons rosados da carne brilham com o mais vivo esplendor.

Para fugir das imitações d'esses productos exija-se os verdadeiros nomes e direcção da Parfumerie Exotique, 35, Rue du 4 Septembre, PARIS.

RECONSTITUIÇÃO

do bulbo e da raiz capillar multiplicado indifinidamente pelo *Extrait Capillaire des RR. Pères Benedictins du Mont Majella*, que tambem impede a queda dos cabellos e demora a decoloração. 6 fr. cada frasco.

Dirijam-se os pedidos ao Administrador:

E. SENET, 35, Rue du 4 Septembre, PARIS

U. T. PIVER em PARIS
NOVA PERFUMARIA Extra-fina

CORYLOPSIS DO JAPÃO

AO

IMPORTADOR DA

JAPÃO

SABÃO ao CORYLOPSIS do JAPÃO

EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO

AGUA-TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO

LOTION ao CORYLOPSIS do JAPÃO

PÓ de ARROZ ao CORYLOPSIS do JAPÃO

BRILHANTINA ao CORYLOPSIS do JAPÃO

OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO

POMADA ao CORYLOPSIS do JAPÃO

ESPARTILHOS

CASA DE

VERTUS

Irmaes

FREQUENTADA PELA ARISTOCRACIA

FRANCEZA e BRASILEIRA

Privilegiada

12, Rue Auber

PARIS

Basta Casa, a Primeira de Paris pelo seu corte perfeito e pela sua extrema elegancia, recommenda-se pelas suas formas espaciaes para as modas actuaes.

Basta enviar *medidas exactas* para receber desta celebre Casa um ESPARTILHO de um perfeito corte e mão d'obra.

DESCONFIAR DAS CONTRAFACÇÕES

DELETTREZ

EM PARIS

INVENTOR DA NOVA

PERFUMARIA

extra-fina

DE

AMARYLLIS DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete. de AMARYLLIS DU JAPON

Pó de Arroz. de AMARYLLIS DU JAPON

Essencia. de AMARYLLIS DU JAPON

Agua de Tonicador. de AMARYLLIS DU JAPON

Vinagre de Tonicador de AMARYLLIS DU JAPON

Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON

Brilhantina. de AMARYLLIS DU JAPON

NÃO HA MAIS DORES DE DENTES!

EMPREGANDO-SE

O Elixir, o Pó e a Pasta Dentifricia

DOS

RR. FF. BENEDICTINOS

Da Abbadia de SOULAC (Gironde)

D. MAGUELONNE, Prior

2 MEDALHAS DE OURO

Bruxellas 1850. - Londres 1884

AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS

INVENTADO 1373. Pelo Prior

NO ANNO DE 1373. DOBROADO

« O uso quotidiano do

Elixir Dentifricio dos

RR. FF. Benedictinos,

na dose de algumas gottas

em agua, evita e cura a

carie dos dentes. Tambem

branquea e consolida-os,

fortificando e saucando

completamente as gen-

givas.

« Prestamos um rele-

vante serviço aos nossos

leitores assignalando-lhes

a antiga e util prepara-

ção, o melhor curativo

e o unico preservativo

das affec-

ções den-

tariaes.



ESTABELECIMENTO FUNDADO em 1807

Agente Geral:

SEGUIN

3, rue Huguerie, BORDEOS

Encontra-se em todas as boas casas de

Perfumarias, Pharmacias e Drogarias.

